



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
NÍVEL MESTRADO

QUESTÕES SOBRE O FONEMA NA OBRA DE ÉMILE BENVENISTE

Leni Rejane da Costa

Recife – PE
2019



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
NÍVEL MESTRADO

QUESTÕES SOBRE O FONEMA NA OBRA DE ÉMILE BENVENISTE

Leni Rejane da Costa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Isabela Barbosa do Rêgo Barros, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências da Linguagem.

Recife – PE
2019

Leni Rejane da Costa

QUESTÕES SOBRE O FONEMA NA OBRA DE ÉMILE BENVENISTE

Defesa pública em

Recife, _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros (Orientadora)

Profa. Dra. Renata Fonseca Lima da Fonte – UNICAP

Prof. Dr. José Temístocles Ferreira Júnior - UFRPE

**Recife – PE
2019**

RESUMO

Discutir a obra de Émile Benveniste não constitui tarefa fácil, uma vez que o autor tem em seus trabalhos interlocuções com diversas áreas do saber, confirmadas pelo tratamento dado aos temas em suas obras. Benveniste compreende a língua como um todo no ato enunciativo. Nesse aspecto, percebemos que o tema fonema apresenta-se diluído em suas obras e não é comumente abordado nas pesquisas científicas de base enunciativa benvenistiana. Diante deste quadro, nesta pesquisa, tivemos como objetivo geral investigar o tratamento dado ao fonema nas obras mais conhecidas de Émile Benveniste: Problemas de Linguística Geral, volumes I e II. Neste trabalho, focaremos a área de Aquisição da linguagem. Apresentamos discussões em torno do fonema, desde os achados de Trubetzkoy (1933), Courtenay (1870), Jakobson (1967), até as considerações de Benveniste, que não se encerram apenas em discussões sobre a unidade mínima da palavra ou em sua representação fonético-fonológica. Tivemos como pressuposto que o fonema pode ser percebido como espaço enunciativo. Sendo assim, essa pesquisa foi norteada considerando as bases epistemológicas da teoria da Enunciação, representada pelos trabalhos de Benveniste e os estudos sobre o fonema de Baudouin Courtenay, Nicolai Trubetzkoy e Roman Jakobson que iniciaram seus trabalhos no Estruturalismo e firmaram suas pesquisas no Funcionalismo. Desenvolvemos um estudo do tipo qualitativo caracterizado como uma revisão bibliográfica nas obras supracitadas, na qual procuramos percorrer a trajetória dos estudos de Benveniste revendo as possíveis perspectivas dadas ao fonema no pensamento do autor e sua relação com a enunciação. Realizamos a análise a partir de uma minuciosa coleta de dados do uso do conceito de fonema por Benveniste nas obras pesquisadas. Com esse estudo, encontramos nas obras de Benveniste uma discussão sobre o fonema, que possibilita identificá-lo, igualmente, como espaço enunciativo, análise linguística e sentido.

Palavras-chave: Benveniste; Enunciação; Estrutura fonológica; Fonema.

ABSTRACT

Discussing the work of Émile Benveniste isn't an easy task, since the author has, in his works, interlocutions with several areas of knowledge, confirmed by the treatment given to the themes in his works. However, we realize that, although Benveniste understands the language as a whole in the enunciative act, the phoneme theme is diluted in his works and is not commonly addressed in the enunciative Benvenistiana-based scientific research. In this context, in this research we have as general objective to investigate the treatment given to the phoneme in the best known works of Émile Benveniste: *Problems of General Linguistics*, volumes I and II. This work, we will emphasize the area language acquisition. For this we will present discussions about the phoneme from the findings of Trubetzkoy (1933), Courtenay (1870), Jakobson (1967), to the considerations of Benveniste, who perhaps are not limited only to discussions about the minimal unity of the word or in their phonetic / phonological representation. We assume that the phoneme can be perceived as an enunciative environment. Thus, this research will be guided by the epistemological bases of Enunciation theory, represented by the works of Émile Benveniste and the studies on the phoneme of Baudouin Courtenay, Nicolai Trubetzkoy and Roman Jakobson, who began their work on structuralism and established their research on Functionalism. We have developed a qualitative study characterized as a bibliographical review in the aforementioned works, in which we seek to traverse the Benveniste studies by reviewing the possible perspectives given to the phoneme in the author's thought and its relation to the enunciation. We performed the analysis from a thorough data collection of the use of the concept of phoneme by Benveniste in the researched works. With this study we find in the works of Benveniste a discussion about the phoneme, which makes it possible to identify it, also, as an enunciative environment, linguistics analyze and sense.

Keywords: Benveniste; Enunciation; Phoneme; Phonological structure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1- Os estudos do som na antiguidade (o princípio de tudo)	12
1.2- A linguística moderna e o surgimento dos estudos do fonema	16
1.3- Princípios de Fonética e Fonologia	25
1.3.1- Fonética	27
1.3.2- Fonologia	30
1.4.1- O fonema e a enunciação vocal.....	32
2-METODOLOGIA	38
3-ANÁLISES E DISCUSSÃO	40
3.1- O fonema em Benveniste: Unidade de análise	40
3.2-O fonema em Benveniste: sentido.....	45
3.3 O fonema em Benveniste: instância de enunciação.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

Falar sobre a linguagem nos faz refletir sobre língua. E uma não existe sem a outra. “De fato, a linguagem se realiza sempre dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular.” (BENVENISTE, 2005, p. 31). Saussure (1995) já destacava a ligação do lado individual e social da linguagem: para que o ato individual ou social tenha êxito, haverá sempre a necessidade do uso da língua.

Benveniste escreve em momentos diferentes de sua vida acadêmica: “Ele é um autor que ultrapassa limites disciplinares. Sua vasta obra não pode ser reduzida a um campo específico da linguística, nem mesmo a um tema específico” (FLORES, 2017, p. 50). Em seus estudos, encontramos pesquisas referentes aos aspectos da linguagem como léxico, sintaxe, morfologia e enunciação, e estão relacionadas com várias áreas do conhecimento como psicanálise, antropologia, literatura, história, filosofia etc., mas, o interesse por tratar da língua e da linguagem sempre circunda os trabalhos do pesquisador. No artigo *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana* (1956), ele declara: “A língua é um sistema comum a todos; o discurso é ao mesmo tempo portador de uma mensagem e instrumento de ação.” (BENVENISTE, 2005, p.84). Em outro momento, escreve o artigo *Categorias de pensamento e categorias de língua* (1958), e expressa: “A possibilidade do pensamento liga-se à faculdade de linguagem, pois a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua.” (BENVENISTE, 2005, p.80). Benveniste sempre preocupado com questões sobre a língua e linguagem, manteve sua concepção atualizada ao longo do tempo.

No texto *Os níveis da análise lingüística* (1962), Benveniste concebe a língua como instrumento de comunicação, estabelecendo níveis de análise. Saussure via a língua com a possibilidade de análise formal, Benveniste dá à língua a possibilidade de análise da forma e do sentido. Com essa “metodologia de análise

da forma, estabelece um novo domínio: o do discurso”. (NORMAND, 2009, p. 15). E do sentido para se obter status linguístico. Para Saussure (1995), a língua

é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem associar-se a um conceito. Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. (SAUSSURE, 1995, p.22).

A língua é um sistema composto de elementos segmentais e suprasegmentais. Na fonética, segundo Cagliari (1992), os segmentos correspondem a sons definidos pelos alfabetos fonéticos e os suprasegmentos, aos elementos diferentes e modificadores dos segmentos. Battisti (2014) destaca que “a fonologia analisa os sistemas linguísticos em seus elementos suprasegmentais ou prosódicos, como entonação, tom, acento, sílaba, entre outros. São elementos que se superpõe aos fonemas” (BATTISTI, 2014, p.91).¹ Os estudos enunciativos detêm-se, em sua maioria, nas discussões sobre a linguagem em relação ao homem que fala, tendo em vista que, segundo Benveniste (2005), o sujeito se constitui na e pela linguagem.

A enunciação é o ato particular de fazer uso da língua. É a participação do “homem” na língua, não simplesmente para produzir sons e reproduzir signos linguísticos, mas, para relacionar-se com outros homens no espaço subjetivo permeado pelo par eu-tu do discurso. (BENVENISTE, 2005).

Benveniste defende em sua teoria que “o homem está na língua” como o centro da Teoria da Enunciação. Para ele, “o homem só é parte constitutiva de um

¹ Os elementos segmentais são unidades discretas de representação fonética ou fonológica de um som consonantal ou vocálico. Correspondem a sons definidos pelos alfabetos fonéticos e que podem ser transcritos com símbolos fonéticos. Também conhecidos como “elementos prosódicos” propriamente ditos, os suprasegmentos são os níveis de representação em que os elementos analisados se sobrepõem aos segmentos consonantais e vocálicos do nível segmental. Envolve fenômenos como a entonação, o ritmo e a organização da hierarquia prosódica, em geral. Podem como: a) elementos que modificam segmentos, como a labialização, a palatização, a nasalização, ou seja, elementos tidos como portadores de uma articulação secundária; b) elementos diferentes dos segmentos em natureza fonética e que caracterizam unidades maiores do que os segmentos, sendo pelo menos da extensão de uma sílaba. Cf, CAGLIARI (1992) e SILVA (2015, p. 199 e 207).

grupo ou de uma língua, quando interage com outros e assim realiza o discurso que é produto da enunciação” (BENVENISTE, 1970, p. 82).

No texto *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste (1970) traz algumas definições para enunciação, antes fala do emprego da língua:

Trata-se aqui de um **mecanismo total e constante** que, de uma maneira ou de outra, **afeta a língua inteira**. A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido” (1970, p. 82). [grifo nosso].

Entendemos que ao mencionar a enunciação como uma totalidade que afeta a língua inteira, Benveniste não exclui os elementos segmentais e suprasegmentais, e abre a possibilidade para pensarmos no fonema a partir da enunciação vocal. E sobre enunciação traz três definições:

A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. [...] É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: **é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto.** [...] O mais imediatamente perceptível e o mais direto –embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação – é a realização vocal da língua. (BENVENISTE, 1970, p. 82). [grifo nosso]

Neste trabalho destacaremos o estudo da enunciação como realização vocal da língua, porque ela comporta mais especificamente os aspectos do fonema.

Os trabalhos de Benveniste, segundo Flores (2013), não estão apenas relacionados à enunciação. Podemos encontrar discussões no campo da morfologia, sintaxe, lexicologia e a outras áreas do conhecimento, a exemplo da filosofia, psicanálise, antropologia e sociologia.

[...] Ele incursionou por variados aspectos da linguagem, desde a história das línguas indo-europeias até as formas novas de composição nominal, passando pelos estudos fundadores de uma Teoria da Enunciação ou pelo esboço de uma “translinguística de textos, de obras” que pudessem dar conta, entre outras, da linguagem poética e que assentasse as bases de uma Linguística do discurso. (ARNOUX, 2018, p. 11).

O desafio a que nos propomos é se podemos também encontrar nos trabalhos de Benveniste discussões em torno da fonética e da fonologia, o que explicaria os estudos do autor em torno dos níveis de análise linguística: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

Apesar de Benveniste ser reconhecido como um linguista que apresenta interlocuções com diferentes campos, em virtude de sua vasta gama de estudos sobre a linguagem, quando se discute o tema fonema, o nome de Benveniste não é destacado, talvez porque o autor não tenha uma discussão teórica tão clara sobre o assunto. Porém, Benveniste menciona o termo em alguns de seus textos a exemplo do artigo *Tendências recentes em Linguística Geral*, publicado no *Journal de psychologie*, em 1954; da conferência *Estrutura em Linguística*, de 1962 e da conferência *Os Níveis da Análise Linguística*, apresentada no *9th International Congress of Linguistics*, em 1964.

Sendo assim, por que quando se faz referência aos estudos de Benveniste não se mencionam suas discussões em torno do fonema? Como o autor aborda o tema? Com que finalidade? Qual a importância desta discussão dentro da obra? Os textos de Benveniste permitem pensarmos que o fonema faz parte da enunciação como realização vocal da língua? Podemos encontrar discussões sobre o sentido na linguagem a partir do fonema?

Esta pesquisa torna-se importante, posto que as discussões atuais em torno da enunciação, não despertaram para uma abordagem sobre a enunciação vocal da língua, apesar de Benveniste (2006), no capítulo *O Aparelho Formal da Enunciação* (1970) tratar sobre o tema, além da escassez de trabalhos que relacionem o fonema e a fonologia aos estudos de Benveniste. Destacaremos neste trabalho, a relevância do estudo do fonema sob o enfoque da teoria da enunciação de Émile Benveniste e as suas contribuições para a área de aquisição de linguagem.

Temos como objetivo geral desta pesquisa investigar o tratamento dado ao fonema nas obras mais conhecidas de Émile Benveniste: *Problemas de Linguística Geral*, volumes I e II, e como objetivos específicos, identificar nas obras pesquisadas referências ao fonema; analisar como o autor aborda o tema

fonema; avaliar se a abordagem dada ao fonema permite constatá-lo como espaço enunciativo e verificar se há discussões sobre o sentido na linguagem a partir do fonema.

Para esse fim, apresentamos no primeiro capítulo a fundamentação teórica, discussões acerca do fonema ao longo da história, procurando destacar os conceitos relacionados, desde a civilização mais antiga, passando à linguística moderna e ao surgimento do fonema. Abordamos um pouco sobre os estudos em fonética e fonologia, trazendo as contribuições de alguns pesquisadores que se dedicaram ao estudo do som, entre eles, Courtenay, Trubetzkoy, Jakobson, Bisol, Cagliari, Massini-Cagliari, Battisti e Silva. Em seguida, procuramos relacionar os temas fonema e enunciação, abordando-os a partir da definição de enunciação como a realização vocal da língua, para, por fim, mencionar os textos em que o tema fonema surge nas obras *Problemas de Linguística Geral*, volumes I e II, escritas por Émile Benveniste. Neste trabalho, a pesquisa sobre o fonema está situada na abordagem da enunciação como realização vocal da língua.

No terceiro capítulo, abordaremos a metodologia, em seguida passaremos às análises e discussões sobre o estudo do fonema nas obras analisadas e apresentaremos nossas considerações finais sobre o estudo.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O lugar comum nas discussões sobre os fonemas é tomá-los relacionando-os aos sons das letras do alfabeto. Porém, esta não é uma definição adequada, embora já estabeleça uma separação difícil: o fonema e a letra. Na verdade, “entre todos os sons possíveis de uma língua e o número limitado de letras do alfabeto não há uma simetria” (GARAY, 2016, p. 11).

Diante disto, neste capítulo trataremos do fonema em sua essência: o surgimento dos primeiros estudos, definições e a sua importância para a fonologia. Nesse sentido, fazemos um resgate do tema ao longo do tempo e voltaremos ao início da história da Linguística.

1.1 Os estudos do som na antiguidade (o princípio de tudo)

Parece-nos claro que o uso dos sons para a interlocução entre os homens desperta interesse desde a antiguidade. Dessa época, segundo Vagones (1980), temos vestígios de preocupações linguísticas entre os egípcios, os sumerianos e acadianos, os chineses, porém, a primeira reflexão acurada dos fatos da linguagem surge na Índia, a partir do século IV a.C, por intermédio de estudiosos do sânscrito. A civilização hindu é considerada a mais antiga dentre os povos do continente asiático. Segundo Sousa (2016), a trajetória da civilização indiana tem início em 3.300 a.C., período em que se encontram vestígios de um dos mais antigos centros urbanos formados nas proximidades do Rio Indu. No século XVI a.C., o território indiano foi alvo da ocupação de uma série de tribos nômades provenientes da região do atual Irã, comumente conhecidas como árias. Entre outras regiões, os árias controlaram porções do território onde a civilização hindu fixou marcantes traços da cultura indiana.

Os hindus aprendiam por meio do trabalho da audição e da memória, sem o recurso da escrita. Não há registro de um alfabeto e de um registro escrito dos vedas até ao advento da escrita Brahmi, cerca de 7 a.C. (GARAY, 2016).

Segundo Vagones (1980) e Garay (2016), a importância da fonologia teve início na civilização hindu. Panini, o autor mais importante dessa época, deixou um tratado acurado sobre os pontos de articulação do sânscrito, sendo por isso considerado um dos fundadores da fonética articulatória.

A preocupação dos brahmanes hindus com a pronúncia correta e a transmissão exata dos sons sagrados em sânscrito² originou uma extensa e minuciosa tradição fonética e gramatical; a Gramática e a Fonética do sânscrito estão entre os tratados mais minuciosos já escritos em uma língua clássica, precedendo em minúcia (e no tempo) até mesmo os estudos gramáticos dos filósofos gregos. (GARAY, 2016, p. 18) [nota nossa].

Nos rituais sagrados, era muito significativo que as palavras usadas nas récitas dos sacrifícios fossem pronunciadas com absoluta correção (BURROW, 2001 *apud* GARAY, 2016). Acredita-se que a importância do fonema nasceu de tamanha exigência e que sofreu modificações em sua definição ao longo da história.

De acordo com Weedwood (2002,p. 17),

Na Índia antiga, por exemplo, a necessidade de manter viva a pronúncia correta dos textos religiosos ancestrais levou à investigação da fonética articulatória, enquanto na Grécia clássica a necessidade de um vocabulário técnico e conceitual para ser usado na análise lógica das proposições resultou num sistema das partes do discurso que acabou tendo um desenvolvimento que ultrapassou em muito as exigências imediatas dos filósofos que primeiro sentiram a necessidade de tais categorias.

O povo hindu valoriza a recitação de cânticos que foram em sua maioria aprendidos oralmente de geração em geração. Há uma preocupação com a pronúncia, uma reflexão acurada que traz uma perspectiva de gramática prescritiva. Talvez, tamanha exigência era o que permitia preservar a cultura desse povo.

² Apesar, de todo o esforço de preservação ao longo de mais de dois mil anos, o sânscrito é considerado uma língua de vida artificial “criada pela casta sacerdotal dos brahmanes, que serviu de base a todo o pensamento filosófico literário e religioso” (CALAZANS, 2010 *apud* GARAY, 2016, p. 24).

[...] não havendo o registro gráfico do sânscrito, o único meio disponível para a sua manutenção e transmissão acurada era o estudo dos seus sons, o que por sua vez exercia influência sobre todas as outras ciências e a sua metodologia de ensino. (GARAY, 2016, p. 21).

Entretanto, de acordo com Vagones (1980), os estudos dos hindus só foram conhecidos na Europa no início do século XIX. A linguística ocidental nasce na filosofia grega. Foi a Grécia, com sua orientação filosófica, a responsável por deixar os fundamentos linguísticos aos europeus e,

no que concerne aos sons, deixou-lhes um tipo de classificação das vogais e das consoantes e também do acento de palavra. Sua terminologia, traduzida pelos romanos em latim sobrevive, em alguns casos, até hoje (por exemplo: "líquida", que significava tanto em grego como em latim "úmida", para certas consoantes, como [r], [l], e às vezes para as nasais; "muda", para as oclusivas surdas). (VAGONES, 1980, p. 180).

Segundo Benveniste (1963, p. 20),

A nossa terminologia linguística se compõe em grande parte de termos gregos adotados diretamente ou na sua tradução latina. Mas o interesse que os pensadores gregos tiveram muito cedo pela língua era exclusivamente filosófico. Durante séculos, dos pré-socráticos aos estóicos e aos alexandrinos, e depois no renascimento aristotélico que estende o pensamento grego até o fim da idade média latina, a língua permaneceu objeto de especulação, não de observação. Ninguém se preocupou, então, em estudar e descrever uma língua por ela mesma, nem em verificar se as categorias fundadas em gramática grega ou latina tinham validade geral. Essa atitude não mudou absolutamente até o século XVIII.

Enquanto que para a civilização hindu predominava o interesse em ouvir bem e pronunciar com perfeição as palavras, para os gregos, o que designava poder era a palavra, e, mais ainda, a escrita.

De acordo com Vernant (2002, p. 24):

Por intermédio de escribas, que formam uma classe profissional fixada na tradição, graças a uma hierarquia complexa de dignitários do palácio e de inspetores reais, ele controla e regulamenta minuciosamente todos os setores da vida econômica, todos os domínios da atividade social. (VERNANT, 2002, p. 24).

Antes da Grécia ter a escrita como um dos maiores patrimônios, vale ressaltar que, tivemos três contribuições fundamentais do classicismo grego que merecem nossa atenção: o Alfabeto Grego, a Gramática e a Filosofia. Garay (2016), em sua dissertação *O Fonema – Linguística e história*, traz o estudo da palavra (*phónema*), que significa “som, som da voz humana”, que “Já era utilizada pelos poetas e filósofos gregos: ela aparece na tragédia *Philoctetes*, de Sófocles (496 a. C.- 406 a. C.)” (GARAY, 2016, p. 59). O estudo do fonema foi possível porque os filósofos gregos sentiram a necessidade de analisar cada som existente em seu alfabeto.

De acordo com Garay (2016), ao entrar no solo das letras gregas: a unidade elementar do som surge com a criação de uma escrita que passou a grafar cada segmento de som, tanto vocálico quanto consonantal. E essa influência se faz sentir até os dias de hoje com o alfabeto latino, que tem raízes no alfabeto grego.

A grande inovação da escrita fonológica grega é, portanto, a antecessora do que séculos mais tarde, os lingüistas – não por acaso, estudiosos do sânscrito e do grego – terminariam por chamar de *fonema*: o primeiro passo foi à segmentação da cadeia da fala em unidades elementares mínimas. (GARAY, 2016, p. 75).

A Grécia passa por muitas invasões, rompimentos com outras nações e isso deixa a civilização grega sem aliados, sem elos. Esse fato deixa o povo grego isolado. Esse acontecimento interfere até mesmo na linguagem. Com a queda do império micênico, o sistema palaciano desmorona completamente. Toda a organização de uma civilização cai por terra. A escrita também desaparece e

os gregos a redescobrem, pelo fim do século IX, tomando-a esta vez dos fenícios, não será somente uma escrita de um tipo diferente, fonética, mas sim o produto de uma civilização radicalmente distinta: não mais a especialidade de uma classe de escribas, mas o elemento de uma cultura comum. (VERNANT, 2002, p.38).

Acompanhando a história e analisando os fatos, podemos observar que, por muito tempo, a língua foi domínio de poucos. Primeiro, limitada ao conhecimento da pronúncia de orações sagradas, em que só um grupo seleta é

capaz de dar continuidade à tradição. Depois, o poder da palavra travestida por ordens expressas do rei e que ganhou maior prestígio na forma escrita.

Segundo Vagones (1980), devido à importância dada à língua escrita, sobretudo ao latim, na Idade Média, não houve muito empenho na investigação dos sons vocais. Entretanto, na Idade Moderna, época do Renascimento, ocorreu uma retomada do interesse pelos sons linguísticos, em virtude da atenção dispensada à expansão de línguas nacionais diferente do latim, das relações de parentesco existentes entre as línguas românicas e da necessidade de se normalizar dialetos que ascendiam ao prestígio de línguas oficiais.

É nessa época, de acordo com a autora, que, principalmente na França e na Inglaterra, surgiram preocupações com a ortografia e com a enunciação dos sons, que resultaram em observações cuidadosas, ao lado de tentativas superficiais de descrição de sons baseadas em etimologias e, além disso, frequentemente fantasiosas. No século XVII, foi apresentada uma minuciosa classificação articulatória para as vogais que fez entrever o princípio da ressonância e, no século XVIII, surgiram pesquisas científicas voltadas para o estudo dos sons no campo da experimentação, lideradas por “professores de física que tentam descrever a produção da fala humana por intermédio da comparação com instrumentos de música” (VAGONES, 1980, p. 181).

Percebemos que na Antiguidade, Idade Média e Moderna as respostas às preocupações relacionadas ao som da língua, de certo modo, ainda eram empíricas. Será em meados do século XIX, já na Idade Contemporânea, que a fonética se consolidará no meio científico.

1.2 A Linguística Moderna e o surgimento dos estudos sobre os fonemas

A história da fonética alcança, no século XIX, o surgimento daqueles que foram considerados os primeiros foneticistas científicos: H. von Helmholtz, Eduard Sievers e J. Winteler; além do criador da fonética experimental, o abade Rousselot. (VAGONES, 1980).

Pouco a pouco, alguns pesquisadores começaram a se dar conta de que muitos detalhes, trazidos à luz pela análise demasiado minuciosa do som, eram, na verdade, irrelevantes para a comunicação. Nascia, portanto, a busca da distinção dos sons propriamente ditos daquilo que, mais tarde, seria chamado **fonema**. (VAGONES, 1980, p.183) [grifo nosso].

Jan Baudouin de Courtenay foi pioneiro em insistir, desde 1870, na divisão entre fonema e som. Baseando-se em um conceito psicológico, para Courtenay, o fonema era a ideia de um som vocal. (VAGONES, 1980).

Courtenay definia o fonema como o “equivalente psíquico do som” e reclamava para a disciplina que tem por objeto os fonemas, o nome de “psicofonética”, (por oposição a “fisiofonética”, que se ocupa dos sons). (TRUBETZKOY, 1933, p. 16).

Baudouin de Courtenay foi um teórico da língua inserido nos quadros da Psicologia dos povos. Isso significa dizer que sua análise da língua

é predominantemente mentalista (esociológica), e por conseguinte, sua abordagem do conceito de fonema parece diferir da abordagem saussuriana. O estudo do fonema em Courtenay é uma representação psíquica das funções fisiológicas e acústicas. (GARAY, 2016, p.160).

Em meados do século XIX, a palavra *linguística* começou a ser usada, no intuito de mostrar a diferença entre uma abordagem inovadora e outra tradicional da filologia. Na linguística moderna, os estudos fonológicos iniciam-se no Estruturalismo³ com as discussões sobre *língua e discurso, sincronia e diacronia, signo lingüístico*, com embasamento nas discussões e escritos de Ferdinand de

³ O representante do estruturalismo americano, Leonard Bloomfield (1933), também tinha uma discussão sobre o fonema: considerava o fonema como uma propriedade observável, do contrário resultaria apenas numa conveniência descritiva do analista. (MORI *apud* BENTES e MUSSALIM, 2012). É comum dizer que a linguística estrutural na Europa começa em 1916, com a publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure. Na primeira metade do século XX, destaca-se a Escola de Praga, com seus representantes mais notáveis, que foram: Trubetzkoy (1890-1938) e Jakobson (1896-1982). E a Escola de Copenhague (ou glossemática), com Hjelmslev (1899-1965) e Firth (1890-1960).

Saussure (SCHARDOSIM e TROMBETA, 2012), sendo continuada pelos estudiosos de Praga.

As primeiras impressões das leituras feitas no *Curso de Linguística Geral* (CLG) trazem a ideia de que para Saussure o fonema “não pode convir senão à palavra falada, a realização da imagem interior no discurso.” (SAUSSURE, 1995, p. 80)⁴. Saussure traz no CLG, já na definição de signo linguístico, essa relação entre som e imagem, que alude aos futuros conceitos de fonética e fonologia:

O signo linguístico **une** não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e **uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial** e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por posição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 1995, p. 80.). [grifos nossos].

A afirmação de Saussure ao tratar o signo sob o atributo de uma imagem acústica, sensorial, impressão psíquica deixada por um som material nos permite perceber referência do estudioso aos componentes acústicos da fala.

Para Cardoso (2012), as discussões sobre o fonema no CLG são confusas e obscuras. Cardoso mantém essa concepção “pelo fato de o tópico linguístico que aborda os sons da fala sequer existir como cátedra à época do lançamento do CLG” (CARDOSO, 2012, p. 259). Saussure não definiu claramente o lugar do fonema nos estudos linguísticos da sua época. Fontaine (1978) aponta-nos que na época da publicação do *Curso de Linguística Geral*, os linguistas não tiveram uma leitura atenta aos escritos de Saussure. Algumas teses deixaram a impressão de um conhecimento superficial. Considerando que o pensamento saussuriano tinha ficado em um “estágio insuficiente de maturidade” (FONTAINE, 1978, p. 36).

No entanto, Saussure (1995) nos coloca diante da dualidade abstrato-concreto, quando define fonologia como o que se pode substituir a escrita pelo

⁴ Destacamos o mestre suíço por entendermos que suas discussões acerca da linguagem e da língua fundamentam os estudos pós-estruturalistas, entre os quais o funcionalismo de Jakobson. Porém, Saussure, assim como Benveniste, é um autor marginal quando se menciona o estudo dos sons.

pensamento. Atividade essa que só os seres pensantes são capazes de realizar, ou seja, relacionada as habilidades de manipular os sons mentalmente, construir sentenças e elaborar o pensamento da melhor forma possível. Essa atividade é realizada com um pouco de dificuldade, quando se trata de indivíduo com algum tipo de transtorno na linguagem. É o estudo dos sons através dos próprios sons, sendo considerada uma ciência diacrônica. E nos introduz ao estudo e entendimento do signo linguístico.

Milano (2015) traz em um de seus escritos a questão do fônico no *Curso de Linguística Geral*, informando que Saussure esteve preocupado com o fônico da língua e não são poucos os estudos pós-saussurianos que testemunham isso. Segundo a autora, é importante dizer que as questões acerca do lugar do fônico no conjunto de reflexões saussurianas ecoam em vários documentos. Milano (2015) diz ter rastros de interesse sobre o som nos *Escritos de Linguística Geral* (2004), no manuscrito *Phonétique* (1995), no manuscrito da *Soantes* (2002), no manuscrito *Notes Sur l'accentuation lituanienne* (2003), nos estudos sobre os *Anagramas* (1974), e já no inaugural *Mémoire sur Le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1984).

A autora destaca em sua pesquisa que na “introdução” do CLG, composta por sete capítulos, o capítulo VI traz o título *Representação da língua pela escrita*. Nele Saussure (1995) inicia dizendo: “O objeto concreto de nosso estudo é, pois, o produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua.” (SAUSSURE, 1995, p. 33). Define claramente que em seu estudo estar preocupado com a língua. Em outro ponto do texto, quando fala do “Prestígio da Escrita: causas de seu predomínio sobre a forma falada” relata que

língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. (SAUSSURE, 1995, p. 34).

Percebemos, então, que Saussure já introduz “o fônico” ao seu pensamento teórico. Em seguida, também menciona o “desacordo entre a grafia e a pronúncia”. E justifica: “a língua evolui sem cessar, enquanto que a escrita tende a permanecer imóvel.”

O capítulo VII, sob título *Fonologia*, trata da definição de fonologia, a escrita fonológica, e por último, fala da crítica ao testemunho da escrita. Em suas reflexões, Milano (2015) acredita que haja uma pista significativa sobre o lugar do fônico na herança Saussuriana. Concordamos com a autora ao afirmar que houve uma preocupação do mestre suíço em tratar do fônico da língua, uma vez que inicia esse capítulo definindo “fonologia”. Diz que, a princípio, poderíamos substituir a escrita pelo pensamento (ideia de abstrato), mas “aqueles que são privados dessa imagem sensível correm o risco de não perceber mais que uma massa informe com a qual não sabem o que fazer” (SAUSSURE, 1995, p. 42).

No Apêndice *Princípios de Fonologia*, no capítulo I, Saussure trata das *Espécies fonológicas*. Nele, expressa sua preocupação com os estudos fonológicos, para que não caiamos no erro dos fonologistas que se preocupam com a produção dos sons através dos órgãos, ou melhor, em definir o fonema pelo ato da fonação, esquecendo o lado acústico que existe já inconscientemente quando se abordam as unidades fonológicas. E mesmo fazendo uso dos estudos dos movimentos articulatórios, não se sabe onde um som termina e outro se inicia. “É na cadeia da fala ouvida que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não igual a si próprio; enquanto se tenha a impressão de algo homogêneo, este som é único” (SAUSSURE, 1995, p.50).

É nesse capítulo que o autor menciona o “aparelho vocal e seu funcionamento”, a “classificação dos sons conforme sua articulação bucal” e define o fonema:

O fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia. (SAUSSURE, 1995, p. 51).

No capítulo II, do Apêndice, Saussure trata do “fonema na cadeia falada”. Da necessidade de se estudar o som e seu valor pormenorizado e em síntese. A fonologia não pode estudar apenas os sons existentes numa língua. Mas também as extensões de sons falados, levando em consideração que as sílabas inicialmente apareciam mais diretamente do que os sons que a compunham. Essa foi uma característica que acompanhamos desde os povos hindus.

Milano (2015), em seu artigo *Jakobson, a fonologia e a herança Saussureana*, traz a forte presença das reflexões de Ferdinand de Saussure nos estudos dos teóricos de Praga: Jakobson e Trubetzkoy. Aliados a eles, circulavam outros linguistas, filósofos e escritores eslavistas, entre alguns pensadores de uma vanguarda em que reuniam ciência e arte.

Jakobson foi o principal incentivador do movimento linguístico de Praga e já havia participado ativamente do Círculo Linguístico de Moscou, em 1915.

A vocação fundamental inicial de Roman Jakobson foi o estudo da linguagem poética que levou Jakobson à linguística. Tal vocação não foi desmentida ao longo de toda a sua carreira científica. Foi precisamente a indagação sobre a linguagem poética que motivou o interesse de Jakobson pela fonologia: A textura fônica nada tem a ver com os sons, e sim com os fonemas, isto é, com representações acústicas suscetíveis de ser associadas às representações semânticas. (ensaio acerca de Khlebnikov, 1921). (FONTAINE, 1978, p.10).

No entanto, foi apenas nos anos 1920 que Nikolai Troubetzkoy, Roman Jakobson e Serge Karcevsky, envolvidos nas concepções de Ferdinand de Saussure, definiram mais precisamente o conceito de fonema⁵. Esses estudiosos eram integrantes do Círculo Linguístico de Praga⁶.

Os membros do Círculo Linguístico de Praga adotaram em bloco o ponto de vista saussuriano, que lhes permitia opor a essa atitude historicista uma concepção de Linguística que escolhia como

⁵ Trataremos deste conceito mais adiante.

⁶ A data comumente aceita como marco do nascimento do Círculo Linguístico de Praga, segundo Fontaine (1978), foi a noite do dia 6 de outubro de 1926, dia em que Vilém Mathesius convidou alguns colegas para uma reunião em seu gabinete, a fim de ouvirem uma palestra do linguista alemão H. Becker. Ao final da exposição, surgiu um caloroso debate em que os estudiosos e participantes desse primeiro momento sentiram necessidade de se encontrar todos os meses para aprofundar os estudos e reflexões.

objeto de estudo no seio da linguagem a língua definida como estrutura de signos. (FONTAINE, 1978, p. 35).

No século XX, mais precisamente na década de 20, Jakobson escreveu uma espécie de manifesto expondo suas posições de princípio sobre os pontos que lhes pareciam capitais na teoria linguística e, em especial, fonológica. (FONTAINE, 1978).

As discussões das reuniões do Círculo Linguístico de Praga prosperaram para o nascimento do trabalho que abraça som e sentido. “Os linguistas da Escola de Praga determinaram a necessidade de se fazer a distinção entre a fonética e a fonologia”. (SCHARDOSIM e TROMBETA, 2012, p. 18), pensada por Saussure.

Após dois anos da criação do Círculo Linguístico de Praga, Roman Jakobson, que até então lecionava em Bratislavia, foi convocado para o primeiro Congresso Internacional dos Linguistas, em Haia.

Segundo Jakobson (1967), após a Segunda Guerra Mundial, acontece a elaboração sistemática da fonologia. Praga tornou-se o centro da fonologia moderna. Após o primeiro Congresso Fonológico Internacional e o Círculo Linguístico de Praga, Jakobson ficou conhecido como “fundador da fonologia”.

Mas, foi em 1932, no artigo *A fonologia atual*, de autoria de Trubetzkoy, que a fonética e a fonologia foram definidas como ciências diferentes e indissociáveis. Relata que: “Genericamente falando, a fonética investiga o que na realidade se pronuncia ao falar-se uma língua, e a fonologia o que se imaginar pronunciar”. (FONTAINE, 1978, p. 59).

Esta delimitação das duas disciplinas foi realizada pela primeira vez por J. Baudouin de Courtenay, independentemente de F. de Saussure. Foi ele quem proclamou a diferença fundamental existente entre os sons da linguagem humana e as imagens fônicas de que se compõem as palavras de uma língua, e foi ele também quem tirou desta afirmação consequências metodológicas a exigir a existência de duas disciplinas científicas: uma fundada sobre a fisiologia e a física, e que tem por objeto os sons; outra, aparentada com a psicologia, e que estuda as imagens fônicas em suas funções linguísticas. (TRUBETZKOY, 1933, p. 16).

De acordo com Fontaine (1978), o tema de luta com vistas a promover a ideia nova da fonologia entre os linguistas acompanha toda a atividade dos estudiosos de Praga, particularmente de Trubetzkoy. As atividades materiais por este experimentadas para criar a Associação Internacional de Fonologia ecoam da dificuldade encontrada para difundir as novas ideias fora de Praga.

No artigo *Fonologia atual*, Trubetzkoy fala do fonema na perspectiva de Saussure, e concorda com ele ao definir que é impossível em fonologia estudos parciais consagrados a sons isolados. Um fonema constitui um elemento diferencial, um valor linguístico. Assim, o fonema não pode ser estudado fora do sistema fonológico. Para Trubetzkoy (1933), “definir um fonema é indicar seu lugar no sistema fonológico, o que só é possível se se tem em conta a estrutura deste sistema” (TRUBETZKOY, 1933, p. 19).

Também chamado de “príncipe”, Nicolai Trubetzkoy era considerado por todos como um sábio linguista. Desde os treze anos se interessava pela etnografia e pelos folclores russo e fino-úgrico; exercia carreira comum de filólogo. Trubetzkoy é considerado o mestre da fonologia, tanto devido à amplitude do trabalho realizado quanto à potência do esforço de implantação teórica.

Os Princípios de Fonologia é um livro considerado obra de base, um manual de referência à fonologia clássica, até mesmo ao conjunto da Linguística Funcional e Estrutural. “Sua redação inacabada, ‘Os Princípios’, são uma obra onde podemos seguir a evolução do pensamento de seu autor”. (FONTAINE, 1978, p. 59). Esses princípios de Fonologia são elaborados a partir da descrição de aproximadamente duzentos sistemas fonológicos de línguas. Na introdução à obra, o primeiro cuidado de Trubetzkoy foi definir a fonologia por contraste com a fonética. “Em resumo, diz ele que a fonética pertenceria à linguística da fala (parole) e a fonologia à linguística da língua (langue).” (VAGONES, 1980, p.183).

O livro *Princípios de fonologia* é o marco dos estudos da fonologia. Ele norteia as pesquisas que já aconteciam no campo da linguagem. E Trubetzkoy é genial ao conseguir traçar a diferença, estipular os limites entre fonética e fonologia.

Fonema, segundo Jakobson (1967), é o conceito básico da fonologia.

Em vão se procuraria no fonema um quê de individual e particular; o fonema, como todo instrumento de comunicação, é necessariamente um meio de atuação coletivo. Seria, entretanto, um erro querer separar da atividade da fala o conceito de fonema. É que a atividade da fala não se restringe ao que isola e individualiza, mas tem em vista, antes de tudo, o intercâmbio linguístico. O fonema, ou, em outros termos, o conjunto dos traços distintivos de um som vocal, se pauta, sem dúvida, pela norma linguística superindividual, mas não deixa menos por isso de estar contido no som de uma atividade vocal individual. (JAKOBSON, 1967, p. 22).

Ao dizer que “o fonema, como todo instrumento de comunicação, é necessariamente um meio de atuação coletivo”, Jakobson vai ao encontro da citação que Saussure faz sobre a cadeia da fala ouvida.

É na cadeia da fala ouvida que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não igual a si próprio; enquanto se tenha a impressão de algo homogêneo, este som é único. (SAUSSURE, 1995, p. 50).

Os primeiros fundamentos da fonologia foram sistematizados por Courtenay, Saussure e seus discípulos. De acordo com Jakobson (1967), os dois abordaram a questão do objetivo da enunciação vocal, e seus discípulos e adeptos passaram a considerar o estudo dos sons vocais do ponto de vista da função da linguagem.

Antes de Benveniste e Saussure, Courtenay e adeptos iniciam estudos com objetivo na enunciação vocal. Como a fonologia estava organizada e inserida na linguagem recentemente, acreditamos que por esse motivo não houve tantos trabalhos científicos que abordassem a enunciação vocal.

Jakobson pode ser considerado, como um dos primeiros linguistas a pensar nas questões sobre enunciação. Ele sistematiza o lugar que o sujeito tem na língua, por meio da sua teoria das funções da linguagem e de seu trabalho sobre os *shifters*⁷. Nos artigos de Pires e Werner (2007) e Pires e Barboza (2008) é possível ver uma nota explicativa informando que, segundo o linguista Otto

⁷ Shifters é uma categoria linguística caracterizada por articular o que é falado ao evento de fala. O linguista dinamarquês Otto Jespersen utilizou pela primeira vez o termo *shifters* em referência a “esse fenômeno que Jakobson considera fundamental para a linguística, pelo fato de sempre remeter à mensagem em que ele aparece”. (FLORES, [et al], 2017, p. 209).

Jespersen, citado por Jakobson, os *shifters* são dêixis. O termo *shifters* foi traduzido para o francês por *embrayeurs*, terminologia usada por Jakobson e seguida por Benveniste, que relação a dêixis aos indicadores da subjetividade.

Destacamos a observação feita por Teixeira e Flores presente em entrevista concedida a revista Revel, publicada em 2011:

[...] Claudine Normand mostra que na França dos anos 60 não é a Benveniste que se referiam os autores quando falavam de enunciação, mas a Roman Jakobson, especialmente em função do texto em que ele elabora a noção de shifters, o que é, no mínimo, interessante, uma vez que Jakobson, em nota, no texto sobre os shifters, diz se inspirar no trabalho sobre os pronomes de Benveniste. (TEIXEIRA e FLORES, 2011, p.408-409).

Esse reconhecimento dado a Benveniste por Jakobson confirma a nossa posição em tentar perceber em Benveniste discussões sobre temas, talvez ainda embrionários no autor, a exemplo do fonema, mas que poderiam ser inspiradores para outros teóricos.

A seguir, procuramos endossar nossa discussão relacionando o fonema com os aspectos da enunciação discutidos por Benveniste na obra *Problemas de Linguística Geral*, volumes I e II, tentando refletir sobre a possibilidade de o fonema ser reconhecido como espaço enunciativo.

1.3 Princípios de Fonética e Fonologia

A Fonética e a Fonologia, a princípio, foram definidas como sendo uma só. Segundo Cavaliere (2005), coube à Linguística Estruturalista, cujo apogeu atravessou grande período do século passado, cuidar dessa distinção, embora em opiniões controversas. Os estudiosos da época não tinham clareza nas distinções entre fonética e fonologia. Em tese, cabe à fonética estudar e descrever os sons da linguagem humana, ao passo que à fonologia, também denominada Fonêmica pela corrente de estudos norte-americanos, cumpre o estudo dos fonemas, assim entendidos como unidades fonológicas distintivas e abstratas. (CAVALIERE, 2005, p. 15).

Era um campo de estudos não tão explorado. Só após a criação do Círculo Linguístico de Praga que a Fonética e a Fonologia começaram a se destacar. De acordo com Fontaine (1978), Trubetzkoy na introdução à obra *Os Princípios de Fonologia*, tem como primeiro cuidado elaborar uma definição da fonologia por contraste com a fonética. Em seus estudos, Trubetzkoy traz a seguinte definição para as duas ciências aqui tratadas:

A fonética atual se propõe estudar os fatores materiais dos sons da fala humana: seja as vibrações do ar que a eles correspondem, seja as posições e movimentos dos órgãos que os produzem. Em troca, o que a fonologia quer estudar não são os sons, mas os fonemas, isto é, os elementos constitutivos do significante linguístico, elementos imateriais, uma vez que o próprio significante o é (segundo F. de Saussure). (TRUBETZKOY, 1933, p. 18).

Atualmente, essas duas ciências se definem nos trabalhos de Massini-Cagliari e Cagliari (2012), como as áreas da Linguística que estudam os *sons* da fala. Por terem o mesmo *objeto* de estudo, são ciências relacionadas. No entanto, esse mesmo objeto é tomado de pontos de vista diferentes, em cada caso.

Segundo Seara, Nunes e Lazzaroto-Volcão (2015),

na discussão sobre fonética e fonologia, iremos nos dando conta de que a escrita está sempre influenciando nossos pensamentos sobre como falamos. Ou, melhor dizendo, tanto a fonética quanto a fonologia investigam como os seres humanos produzem e percebem os sons da fala. (SEARA, NUNES e LAZZAROTO-VOLCÃO, 2015, p. 14).

Para Matzenauer *apud* Bisol (2014), a forma sistemática como cada língua organiza os sons é o objeto de estudo da fonologia. Existe outra ciência, a fonética, cujo objeto de estudo é a realidade física dos sons produzidos pelos falantes de uma língua. A fonética e a fonologia são ciências diferentes, mas que não se separam.

Nos estudos de Battisti (2014), essas ciências são relacionadas. Fonologia e Fonética possuem objetivos e métodos específicos. Esclarecer em que se distinguem é necessário para compreender como se relacionam.

A fonética estuda os sons da fala efetivamente produzidos, buscando descrever como são articulados (fonética articulatória), percebidos (fonética auditiva) e transmitidos (fonética acústica). Sons da fala são manifestações orais realizadas como segmentos vocálicos e consonantais, entoação, acento. A fonética denomina *fonas* as unidades discretas de som da corrente de fala. Já a fonologia estuda o funcionamento dos sons nas línguas, isto é, os sons em seu valor contrastivo ou opositivo e em sua combinação ou organização em constituintes como sílabas, morfemas, palavras. (BATTISTI, 2014, p. 28).

Para Courtenay (1899) *apud* Garay (2016), Fonologia (do grego o significado “voz”, “som”) ou Fonética (do grego também, significa “sonoro”), significam literalmente: o discurso acerca dos sons, a ciência dos sons, o conhecimento acerca dos sons.

A Fonética e a Fonologia têm uma trajetória histórica que evoluiu com a persistência de muitos estudiosos. Elas possibilitam estudarmos os sons de uma determinada língua, em todos os aspectos fônicos. Talvez, por terem sido ciências de difícil domínio, afastou o interesse de pesquisadores da época. Temos autores como: Courtenay, Saussure, Jakobson, Trubetzkoy que contribuíram para tornar acessível tais discussões. E não é tão diferente nos dias atuais. Essas ciências são de conteúdos extensos e que exigem do leitor alguns conhecimentos específicos da área para uma melhor compreensão.

1.3.1 A Fonética

Os estudos de Fonética são tão antigos quanto as gramáticas e estão ainda,

por trás da formação dos sistemas de escrita mais antigos. Ao longo dos anos, além da preocupação em descrever a função de letras e sons, começaram a surgir explicações sobre o funcionamento do aparelho fonador e dos mecanismos de

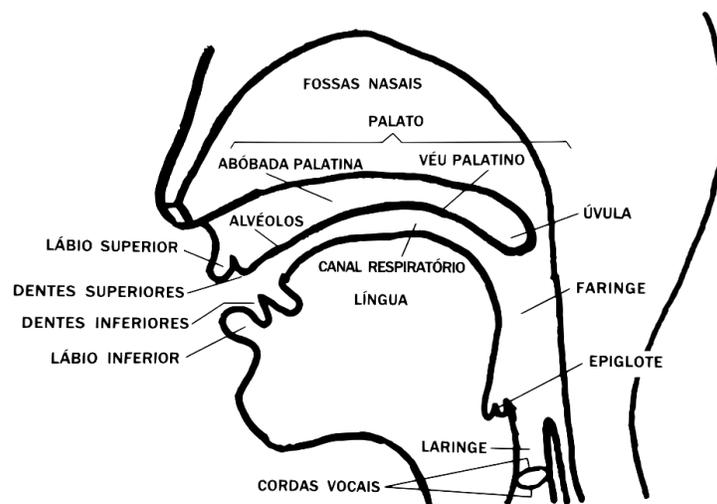
produção de fala. (MASSINI-CAGLIARI E CAGLIARI, 2012, p. 114).

Nesse aspecto, Cagliari (2002) informa que a fonética se preocupa, principalmente, com a descrição dos fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala. Silva (2012) e Silva (2015), no *Dicionário de Fonética e Fonologia*, vai além e afirma que a “fonética (*phonetics*) é a disciplina da linguística que apresenta os métodos para descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles utilizados na linguagem humana.” (SILVA, 2015, p.110).

Segundo Battisti (2014),

A fonética investiga a realização sonora das línguas humanas (a) em sua estrutura física, isto é, em seus aspectos acústicos de emissão e percepção, e (b) em sua base fisiológica, ou seja, em sua produção ou articulação pelos órgãos da fala. (BATTISTI, 2014, p. 28).

Figura 1: Aparelho fonador com seus órgãos da fala



Fonte: SIMÕES (2006)

Para Simões (2006) a preocupação da fonética com todos os aspectos dos sons da fala seria com vistas a possibilitar as distinções dialetais que caracterizam

as comunidades linguísticas e suas diferenças diatópicas (geográficas), diastráticas (social) e diafásicas (individual).

A fonética tem como principais áreas de interesse:

Fonética articulatória – Compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatorio. Fonética auditiva – Compreende o estudo da percepção da fala. Fonética acústica – Compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte. E Fonética instrumental – Compreende o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais. (SILVA, 2012, p. 23).

A Fonética articulatória é a mais explorada nos estudos sobre os sons da fala humana (SEARA, NUNES E LAZZAROTO-VOLCÃO, 2015; LYONS, 2016; ROBERTO 2016), trazendo em detalhes discussões em torno do aparelho fonador, com seus órgãos e funções. “Na fonética articulatória, os sons da fala são classificados de acordo com os órgãos que os produzem e a maneira como são produzidos” (LYONS, 2016, p.58), a exemplo da classificação de acordo com o lugar de articulação (bilabial, labiodental, alveolar, alveolopalatal, palatal, velar e glotal), ao modo de articulação (oclusiva, nasal, fricativa, africada, tepe, vibrante, retroflexa e laterais) e a participação das pregas vocais (vozeado ou desvozeado). (SILVA, 2012)

Roberto (2016) menciona a fonética auditiva como fonética auditiva/perceptiva, acrescentando que os sons captados pelo aparelho auditivo são decodificados pelo cérebro humano.

De acordo com o *site* do Projeto Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia da UFMG, coordenado pela professora Thaís Cristófaró Silva e pelo professor Hani Camille Yehia (2009), as propriedades físicas investigadas pela fonética acústica se referem à amplitude, duração, frequência fundamental e conteúdo espectral da onda sonora. A análise acústica é feita através de espectrogramas, gráficos da forma de onda, trajetórias de formantes e da frequência fundamental, etc. O estudo da fonética acústica sofreu um grande avanço principalmente no final do século XIX, quando ocorreu a invenção do fonógrafo, por Thomas Edison. Esse dispositivo permitiu que o sinal da fala fosse gravado para depois ser

processado e analisado. Logo em seguida surgiram estudos a respeito do espectrograma e dos formantes.

Silva (2012) parece ser a única autora a tratar do termo fonética instrumental em seu livro *Fonética e fonologia do português* e no site supracitado da mesma pesquisadora, em referência aos estudos fonéticos em laboratório.

A seguir, discutiremos o campo de estudo da fonologia.

1.4 A Fonologia

A Fonologia foi uma das maiores contribuições do Círculo Linguístico de Praga. A partir desse fato histórico, alguns conceitos passam a reger e determinam as duas “ciências dos sons”, Fonética e Fonologia, como diferentes e inseparáveis, por isso, não é fácil definir a fronteira entre ambas. A delimitação entre as duas só foi alcançada a partir de 1928, após o Congresso Internacional de Linguística, que aconteceu em Haia. Nesse congresso, tivemos como destaque os linguistas russos: Roman Jakobson, Nicolai Trubetzkoy e Sérgio Karcevsky. Essa diferença foi consagrada por Trubetzkoy, em 1969.

“A Fonética e a Fonologia como disciplinas diferentes operam com seus próprios métodos; porém, elas se condicionam mutuamente em seu valor e desenvolvimentos”. (MORI, 2012, p.157).

Conforme Jakobson (1967),

pode-se afirmar com van Wijk que a fonologia é a primeira matéria bruta que se pode destacar como objeto da linguística estrutural, e assim cabe ao fonema, como conceito fonológico básico, o papel de pedra de toque de todo estruturalismo; daí ter ficado em grande parte na sombra a problemática linguística pura do fonema. (JAKOBSON, 1967, p. 20).

Para Fonologia, encontra-se a seguinte definição em Silva (2015, p. 110),

disciplina da linguística que investiga o componente sonoro das línguas naturais do ponto de vista organizacional. Determina a distribuição dos sons e o contraste entre eles, com ênfase na organização dos sistemas sonoros.

Simões (2006) afirma que a Fonologia ou Fonêmica se ocupa da classificação dos sons da língua com o objetivo de descrever a estrutura fônica, o que possibilita distinguir as línguas entre si e definir seu padrão combinatório no nível da sílaba.

Na Fonologia:

dedicam-se os estudos dos sistemas de sons, de sua descrição, estrutura e funcionamento, analisa a forma das sílabas, morfemas, palavras e frases, como se organizam e como se estabelece a relação “mente e língua” de modo que a comunicação se processe. (BISOL, 2014, p. 11).

A Fonologia não considera as diferenças dialetais. Ocupa-se das diferenças fonemáticas (entre um fonema e outro, a exemplo do /t/ e /d/) que permitiriam as distinções entre significante e significado em uma língua. (SIMÕES, 2006).

A Fonologia pode ser desenvolvida e estudada por várias teorias. Com as novas tendências da Fonologia atual, algumas já não são mais utilizadas nos trabalhos fonológicos desenvolvidos hoje. “Um exemplo claro é a abordagem do tipo estruturalista (fonêmica), como também a fonologia gerativa, na sua forma inicial” (CAGLIARI, 2002, p. 117). Apresentaremos um pouco das teorias usadas atualmente: Fonologia Autossegmental, Fonologia Lexical, Fonologia Métrica e Fonologia Prosódica.

Os estudos que se destinam a Fonologia Autossegmental “operam não só com segmentos completos e com matrizes inteiras de traços, mas também com autossegmentos, ou seja, permite a segmentação independente de partes dos sons das línguas” (BISOL, 2014, p. 45). Cagliari (2002) ressalta a Fonologia de Geometria dos Traços, que faz parte do modelo autossegmental. Nesse modelo, as propriedades distintivas (ou traços) são autossegmentados, quer dizer, ocupam um lugar próprio, chamado *fileira*.

As regras fonológicas têm muito a ver com a formação de palavras. Essa relação entre o sistema sonoro e o sistema lexical das línguas será tratado por meio da Fonologia Lexical. (CAGLIARI, 2002).

Os aspectos suprasegmentais da fala,

Como acento e tom, não tiveram um tratamento adequado na proposta da fonologia gerativa padrão. Uma das consequências da inadequação da fonologia gerativa padrão em tratar aspectos suprasegmentais da fala é o surgimento da fonologia métrica. A fonologia métrica tem por objetivo descrever e formalizar os padrões acentuais e de ritmo da fala. (SILVA, 2012, p. 216).

Segundo Bisol (2014, p.68), a Fonologia Métrica “é o modelo teórico que, utilizando a concepção hierárquica das estruturas linguísticas, permitiu uma nova representação da sílaba e uma análise do acento”. Para Cagliari (2002) Há vários tipos de Fonologia Métrica, cuja preocupação principal está voltada para os fenômenos dependentes da fonotática⁸, em particular, da sílaba e dos fenômenos rítmicos, em geral. Para Lamprecht (2014)

as palavras da língua são identificadas como palavras fonológicas ou prosódicas por apresentarem uma característica: serem portadoras de um acento primário. A fonologia métrica é uma abordagem da teoria gerativa que procura dar conta dos fenômenos relativos ao acento nas línguas. (LAMPRECHT, 2014, p. 52).

A Fonologia Prosódica está envolvida com os fenômenos rítmicos e entoacionais. (CAGLIARI, 2002).

Enfim, a Fonologia dita como Ciência da Língua, interessa-se pelo estudo dos sons, pela organização dos sons/da relação entre grupos sonoros. Mas, não são todos os sons na natureza. Estuda apenas os sons da fala humana. (COURTENAY, 1899 *apud* GARAY, 2016).

Através dessas duas ciências podemos estudar os sons, as mudanças fônicas na história de uma dada língua, observando a localização geográfica e eventuais semelhanças ou discrepâncias nas realizações sonoras.

1.4.1 O fonema e a enunciação vocal

⁸ Estudo das sequências específicas de sons que ocorrem numa língua.

É o fonema que vai possibilitar a construção de enunciados constituídos de significado. Segundo Roberto (2016),

cada língua apresenta, em seu código, um número limitado e restrito de fonemas (de vinte a cinquenta, conforme a língua) que se combinam sucessivamente, ao longo da cadeia da fala, para constituir os significantes das mensagens, e se opõem, segmentalmente, em diferentes pontos da cadeia da fala, para distinguir as mensagens umas das outras. (ROBERTO, 2016, p. 22).

O fonema tratado isoladamente é destituído de sentido. É também definido como a menor unidade destituída de sentido em uma língua. Ao estudarmos a enunciação em Benveniste, entendemos que os sons emitidos e percebidos em uma língua, de um modo particular ou nas manifestações gerais, é o fenômeno da realização vocal da língua que se dá através da fala. Questão que não é muito discutida quando se observa apenas o ato enunciativo em si.

A realização vocal da língua é “ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto”, “O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação”. (BENVENISTE, 1970, p. 82-83).

Segundo Normand (2009),

a obra de Benveniste, fonte de referência frequente entre os linguistas franceses, tinha permanecido até esses últimos anos pouco analisada fora dos estudos comparatistas e históricos. Foi apenas recentemente que ela suscitou vários trabalhos associados ao mesmo tempo a limitar esse conjunto, cuja diversidade frequente desconcerta, a analisar os conceitos de “sucesso” (a subjetividade, a enunciação, o discurso...) e a situar Benveniste na linguística contemporânea. (NORMAND, 2009, p.152).

Flores (2013) afirma que Benveniste é considerado o linguista da enunciação e, conseqüentemente, o principal representante do que se convencionou chamar de Teoria da Enunciação. Benveniste é um linguista que ultrapassa limites disciplinares. Sua vasta obra não pode ser reduzida a um campo

específico. (FLORES, 2017). “As fontes de Benveniste são muitas e, através delas, o autor diz muito sobre fonologia, sintaxe, semântica, morfologia, pragmática e sobre outros tantos níveis de análise linguística e de sua relação com outras áreas” (FLORES, 2013, p. 22). [grifo nosso].

Percebemos que este autor reconhece que Benveniste discute aspectos da fonologia, porém, as pesquisas com o tema dentro da perspectiva de Benveniste, em solo brasileiro, ainda são tímidas. Nos dias atuais, as pesquisas no Brasil, de um modo geral, voltadas para a enunciação benvenistiana, destacam os temas: *análise do discurso, a linguística do texto, a pragmática, e outras áreas as ciências conexas: antropologia, filosofia, psicanálise etc.* (FLORES, 2017).

De acordo com Guimarães (2018), a obra de Benveniste é composta de dois centros de interesse: as análises de língua (predominantemente históricas) e a linguística geral.

Seus trabalhos são reconhecidos por se fundamentarem no estruturalismo iniciado por Ferdinand de Saussure. Benveniste teve forte influência de Saussure, na Teoria da Enunciação, mas difere em alguns pontos. Para Saussure, “a língua é objeto concreto de estudo, o produto social depositado no cérebro de cada um”. (SAUSSURE, 1995, p. 33).

De acordo com Flores(2009),

Benveniste vê a *língua* como *sistema orgânico de signos linguísticos*, cujos elementos se delimitam através das *relações* que os unem, tanto no eixo do sintagma quanto no eixo do paradigma. A *língua* compreende assim diferentes níveis hierarquicamente constituídos, os fonemas, seus traços distintivos, a palavra, a frase, tornando-se o *sentido* a condição fundamental para que uma unidade de qualquer nível tenha *status* linguístico. (FLORES *apud* NORMAND, 2009, p. 13).

As considerações de Benveniste sobre língua resvalam em seu conceito de enunciação, uma vez que destaca o efeito do uso da língua como marca enunciativa.

Para compreendermos melhor a enunciação, vamos considerar o próprio ato, as situações como o ato se realiza e quais instrumentos de sua realização. E, Benveniste, no texto *Aparelho Formal* (1970) publicado no livro *Problemas de Língua Geral I*, enfatiza:

enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. (BENVENISTE, 2005, p. 84).

Para Flores e Teixeira (2013) há muita confusão teórico-metodológica nesse terreno minado que é o da Enunciação. Para os estudiosos desse campo de pesquisa, a Enunciação tem relações com outras áreas, como: Literatura, Filosofia, Psicanálise, Análise do Discurso, Patologia da Linguagem, Descrição Linguística, Linguagem e Trabalho e Texto.

E essa confusão teórico-metodológico acontece, talvez pela forma como ocorreu a recepção do pensamento do linguista Émile Benveniste no Brasil. “No Brasil, Benveniste foi lido pela massa de linguistas em formação, muitas vezes, de ‘segunda mão’, ou seja, não foram os textos de Benveniste, propriamente ditos, que foram objeto de estudo, mas textos que apresentavam aspectos de suas ideias”. (FLORES, 2017, p. 53).

No texto *Questões-chave da linguística da enunciação*, de Flores (2013) é levantado um questionamento “Linguística da enunciação ou teoria da enunciação?”. No mesmo livro, Flores trata a teoria da enunciação como “teorias” no plural e Linguística da Enunciação, no singular, por entender que há uma diversidade que podemos considerar mais de uma teoria da enunciação, mesmo que verifiquemos traços comuns a todas as perspectivas.

Sobre Linguística da Enunciação, Flores (2013) diz:

trata-se da abordagem de um objeto no qual se inclui o sujeito, portanto, algo do campo da irrepitibilidade. A enunciação é sempre única e irrepitível, porque a cada vez que a língua é anunciada, tem-se condições de tempo (agora), espaço (aqui) e pessoa (eu/tu) singulares. Assim, cada análise da linguagem é única também. (FLORES, 2013, p. 100).

A Teoria da Enunciação é por vezes confundida com o significado de discurso. No livro *Problemas de Linguística Geral II* (PLG II), páginas 83-84, vimos que

o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. (BENVENISTE, 2006, 83-84).

Entretanto, apesar de, neste trabalho, nos determos na perspectiva de Benveniste sobre enunciação, há uma amplitude dos estudos enunciativos sobre o tema.

Benveniste (1970, p.82) define enunciado como “manifestação da enunciação, produzida cada vez que se fala”. Essa última definição de Benveniste para enunciação é considerada por outros estudiosos, não pertencente ao campo de estudo da enunciação. Estaria voltado às questões do funcionamento do aparelho fonador, ou estaria diretamente ligado à Fonoaudiologia.

Mas quando Benveniste fala da enunciação no quadro formal de sua realização, retrata justamente o estudo dos caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela utiliza. (FLORES, 2013).

A partir dessa manifestação, o sujeito/locutor delimita seu espaço enunciativo, participa do ato e põe a língua em funcionamento. E ao colocar a língua em funcionamento, fará uso dos merismas até a frase que é a unidade do texto, ou seja, o discurso. E o discurso é o resultado da enunciação.

No texto *O aparelho vocal da enunciação*, escrito em 1970, publicado no livro *Problemas de Linguística Geral II*, Benveniste faz menção à “realização vocal da língua” como um dos aspectos que pode ser estudado o grande processo da enunciação. No entanto, não encontramos nos textos de Benveniste o uso claro da expressão “aspecto vocal da enunciação”. Diedrich (2016, p.256), no artigo intitulado *O aspecto vocal da enunciação: mobilização de sentidos no ato de leitura*, na busca de definir o que, de fato, representa para os estudiosos de

Benveniste e da enunciação vocal, ela acrescenta: “Autorizamo-nos a pensar a realização vocal da língua como manifestação da singularidade do locutor no ato de apropriação da língua, uma vez que esse ato é particular e individual”.

Concordamos com a autora, porém vamos além ao pensar no vocal como o fônico: os sons da fala realizados individualmente pelo sujeito, que o caracteriza e o marca linguisticamente. Reforçamos nossa concepção ao retomar Simões (2006) que, ao se dirigir à fonética, menciona o reconhecimento das variações linguísticas dialetais individuais, sociais e geográficas como decorrentes dos estudos fonéticos.

Ao fazer uso do som vocal de modo único e irrepetível, o sujeito/locutor se marca e é reconhecido na linguagem, de modo que se enuncia na língua. Afinal, as variações nos padrões segmentais e suprasegmentais constituem a língua.

Compreendemos e concordamos que nos estudos de Benveniste, há indícios de significado do termo “enunciação vocal”. Com as definições de enunciação que ele traz no artigo *O aparelho formal da enunciação*, de 1970, define-se que enunciação “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, “o discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala”, “depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno”. Concluimos que para o enunciado acontecer há um processo que se realiza naturalmente, pois, os seres humanos são dotados da capacidade de transmitir o pensamento em forma de sons que se transformam em sílabas, palavras, frases e o discurso propriamente dito: esse é, segundo Benveniste, o processo de semantização da língua.

Para que a semantização aconteça, faz-se necessário observarmos qual o papel do fonema na realização vocal, no funcionamento da língua. Benveniste (2005) trata o fonema como uma unidade particular do nível superior que o contém. Eis uma condição essencial para mostrar que esse nível é passível de análise. E o fonema pertencente a uma unidade mais alta, que é o morfema, terá sentido. E assim, passará ao *status* de signo.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

Esta pesquisa é do tipo qualitativa, caracterizada como revisão bibliográfica, uma vez que procuramos identificar nas referências teóricas selecionadas a posição do autor sobre o tema proposto nesta pesquisa: o fonema.

A pesquisa qualitativa recebe várias definições. Segundo Oliveira (2012),

entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. (OLIVEIRA, 2012, p. 37).

Godoy (1995) explica que uma abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não apresenta uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que o investigador dê diferentes enfoques ao material analisado. A autora ainda afirma que a abordagem qualitativa oferece três diferentes possibilidades de se realizar a pesquisa: o estudo de caso, a etnografia e a pesquisa documental.

Esclarecemos a esse respeito que, segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa bibliográfica, esta que escolhemos realizar neste trabalho, percorre os mesmos caminhos da pesquisa documental, sendo difícil, às vezes, distingui-las. A diferença estaria na fonte consultada: a pesquisa bibliográfica se constitui por material já elaborado, basicamente livros e artigos científicos. A pesquisa documental, no entanto, recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, diários, cartas, filmes, fotografias, vídeos de programas de televisão, etc.

A possibilidade de investigar as concepções teóricas de um pesquisador, a quem não temos mais os conceitos sendo refeitos porque não está mais vivo, torna-se uma pesquisa desafiadora. Segundo Oliveira (2012) fazer pesquisa não é acumular dados e quantificá-los, mas analisar causas e efeitos, contextualizando-os no tempo e no espaço, dentro de uma concepção sistêmica. (p. 40). Nesse

aspecto, escolhemos realizar uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica porque acreditamos responder melhor ao nosso objetivo geral de investigar o tratamento dado ao fonema nas obras mais conhecidas de Émile Benveniste: *Problemas de Linguística Geral*, volumes I e II.

A escolha do livro *Problemas de Linguística Geral*, volumes I e II, para análise, deu-se por reunirem o maior número de artigos escritos por Benveniste que trariam considerações sobre a língua e a linguagem, configurando-se em obras clássicas do autor e que poderiam expor mais discussões sobre o tema fonema.

Apoiamos a coleta e análise no material na perspectiva da análise de conteúdo segundo Bardin, a qual permite entender o possível sentido da comunicação e buscar outra significação, outra mensagem ou conceito passível de ser percebido no dado investigado. Para Bardin *apud* Godoy (1995, p.23)

o termo análise de conteúdo designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1995, p. 23).

Desse modo, a coleta e análise dos dados se deram em três partes: 1ª) Pré-leitura: realizamos uma leitura das obras selecionadas, procurando identificar e marcar o local em que o termo fonema é citado por Benveniste; 2ª) Exploração do material: selecionamos os textos das obras de Benveniste em que houve a ocorrência do termo *fonema*, procurando categorizá-los de acordo com tendências identificadas na perspectiva do autor. Esse aspecto nos levou a desenvolver três categorias de análise a partir de tendências sobre o fonema identificadas em Benveniste: 1) Nível de análise linguística; 2) Sentido 3) Espaço enunciativo e 3ª) Análise dos dados: discutimos, de acordo com as ocorrências e tendências identificadas, como o tema fonema está presente nas obras de Benveniste e suas implicações para o campo de aquisição da linguagem.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os dois volumes de *Problemas de Linguística Geral*, de Émile Benveniste não representam referência no meio científico quando tratamos do tema fonema. Porém, identificamos discussões em torno do fonema desde o artigo *Tendências recentes em linguística geral*, datado de 1954, que consta no livro *Problemas de Linguística Geral*, volume I.

Ao longo da análise foi possível identificar a preocupação do autor em tratar o fonema a partir de três tendências: 1) Nível de análise linguística; 2) Sentido e 3) Instância de enunciação.

3.1 O fonema em Benveniste: Unidade de análise

O tema fonema não é muito discutido quando em referência a Benveniste, apesar de encontrarmos registros do tema nos artigos que compõem a obra *Problemas de Linguística Geral*, volumes I e II.

Na primeira parte do volume I do livro, encontramos o capítulo 1, formado pelo texto *Tendências Recentes em Linguística Geral*, publicado no *Journal de Psychologie*, em Paris, no ano de 1954. Neste texto, Benveniste cita o termo fonema cinco vezes.

Na página 4, do PLG I, o termo aparece como assunto procurado para estudo, desde 1910. “Mas, mesmo que pudéssemos apresentar um balanço mais pormenorizado dessas pesquisas, este mostraria que o trabalho se processa muito desigualmente: aqui se continuam estudos que teriam sido os mesmos em 1910; ali, rejeita-se até o nome de linguística como desvalorizado; acolá, dedicam-se volumes inteiros à simples noção de ‘**fonema**’”. (BENVENISTE, 2005, p. 4). [Grifo nosso].

Esse texto faz parte de um conjunto de três capítulos, com o título: *Transformações da linguística*, em que Benveniste comenta o crescimento e avanço dos estudos voltados à Linguística.

Nas páginas iniciais do PLG I, Benveniste faz um panorama das pesquisas que foram alimentadas pelo tema fonema, e outras pesquisas ligadas a área da

linguagem. Em todos os momentos da história da linguagem, o fonema nunca teve muito destaque.

Ainda na página 4, do PLG I, Benveniste destaca os nomes de Trubetzkoy, Jakobson e Sapir como principais estudiosos do fonema. Antes dessa citação, no seu texto, Benveniste explica dos conflitos gerados após a introdução dos estudos dos princípios de fonologia e que seria necessária uma reorganização para distinguir por exemplo: sincronia e diacronia e fonética e fonologia. “Quando, por exemplo, Sapir focalizava a realidade psicológica dos **fonemas**, descobria por sua conta uma noção que Trubetzkoy e Jakobson tentavam, por seu lado, estabelecer”. (BENVENISTE, 2005, p. 4). [Grifo nosso].

Na página 9, do PLG I, o fonema é citado como responsável pela distinção e a relação entre os fonemas de uma língua. “Cada **fonema** ou morfema é relativo a cada um dos outros, por ser ao mesmo tempo diferente e solidário; cada um delimita os outros, que por sua vez o delimitam, sendo a distintividade e a solidariedade, condições conexas”. (BENVENISTE, 2005, p. 9) [Grifo nosso] .

Neste capítulo, a palavra *fonema* aparece pela quarta vez na página 11. Benveniste ressalta o tipo de estudo que predominava na época. Eram estudos ligados a uma “descrição sistemática, parcial ou total, de uma língua particular, com uma preocupação técnica que jamais havia sido tão minuciosa”. Por ser um estudioso das questões fonológicas, estava atento aos trabalhos de outros teóricos de diferentes nacionalidades. Benveniste cita o livro de Z. S. Harris (1951), *Methods in structural linguistics*, como um livro técnico de critérios formais.

O seu trabalho pormenoriza passo a passo os processos que destacam os **fonemas** e os morfemas a partir das condições formais de distribuição, ambiente, substituição, complementaridade, segmentação, correlação, etc., ilustrando cada uma das operações com problemas particulares, tratados com um aparato quase matemático de símbolos gráficos. (BENVENISTE, 2005, p.11).

Em outro trecho, critica a estrutura como método para alguns estudos da língua. “Esquemas de distribuição, por mais rigorosamente que se estabeleçam, não constituem uma estrutura, assim como inventários de **fonemas** e de

morfemas, definidos por segmentação em cadeias de discurso, não representam a descrição de uma língua.” (BENVENISTE, 2005, p.12). [Grifo nosso].

Um dos textos de Émile Benveniste, datado de 1963, *Saussure após meio século*, um texto comemorativo do cinquentenário de morte de Ferdinand de Saussure, Benveniste faz a trajetória dos estudos de Saussure, de quem traz as bases que fundamentam sua teoria enunciativa. Nos estudos de Saussure sobre o sistema vocálico do indo-europeu, ele percebeu que esse sistema continha vários “aa”. Nesse trabalho, Saussure fala dessa repetição como de um fonema, e não como de um som ou de uma articulação. “Não nos diz como se pronunciava esse fonema, de que som poderia aproximar-se nesse sistema observável; nem mesmo se era uma vogal ou uma consoante. Nesse estudo, Saussure não considera a substância fônica.” (BENVENISTE, 1963, p. 38). Após cinquenta anos de sua morte, “descobre-se hoje que esse fonema não é único, que representa uma classe inteira de fonemas, desigualmente representados nas línguas históricas, e que se chamam os ‘laríngeos’”.⁹ (BENVENISTE, 2005, p. 39).

Percebemos nesse texto que as discussões sobre o fonema são trazidas por Benveniste do ponto de vista da linguística saussureana, como uma forma de prosseguir com reflexões linguísticas em torno do tema.

Benveniste (2005) já abordara o termo fonema, anteriormente, no artigo *Os níveis de análise linguística*, de 1962, a partir de uma visão distribucional ao dizer que

na verdade, nada nos permitiria definir a distribuição de um fonema, as suas latitudes combinatórias da ordem sintagmática e paradigmática, portanto a própria realidade de um fonema, se não nos referíssemos sempre a uma *unidade particular* do nível superior que o contém. (BENVENISTE, 2005, p.131).

⁹ **Laríngeo** (*laryngeal*) relacionado à laringe. Também relacionado ao traço distintivo [constricção glotal]. **Constricção glotal** (*constricted glottis*), traço distintivo que caracteriza o fechamento das cordas vocais. A oclusiva glotal, os sons glotalizados e as vogais e as consoantes laringalizadas são [+constricção glotal] e os demais sons são [-constricção glotal]. **Traço distintivo** (*distinctive feature*) propriedade distintiva dos sons. Assume-se que os segmentos, ou seja, vogais e consoantes, possam ser decompostos em unidades menores, denominadas traços distintivos, que expressam características específicas dos sons, sejam elas articulatórias ou acústicas. Traços distintivos são, portanto, definidos com base em critérios acústicos e articulatórios. (SILVA, 2015, p. 140, 80 e 211).

É neste capítulo que Benveniste coloca o fonema em um nível de análise da própria realidade do fonema. Se o fonema se constitui pela sua unidade mais alta que é o morfema, não estará desvinculado da unidade particular do nível maior a que o fonema pertence. O fonema passa a nível de signo linguístico, identificando-se como forma livre ou forma conjunta que é o morfema.

[...] A função discriminadora do fonema tem por fundamento a sua inclusão numa unidade particular, que, pelo fato de incluir o fonema, depende de um nível superior. [...] uma unidade linguística só será recebida como tal se se puder identificar em uma unidade mais alta. (BENVENISTE, 2005, p. 131).

Ao tratar de níveis da análise linguística, no texto *Os níveis de análise linguística*, publicado na obra *Problemas de Linguística Geral*, volume I, Benveniste preocupa-se em explicar “segmentação e substituição” nos estudos fonológicos, a partir da diferença dos termos. De acordo com o autor, “Os elementos identificam-se em função de outros segmentos com os quais estão em relação de capacidade de substituição”. (BENVENISTE, 2005, p. 128). A substituição, porém, pode operar também sobre elementos não segmentáveis.

Se os elementos segmentáveis mínimos se identificam como **fonemas**, a análise pode ir além e isolar no interior do fonema *traços distintivos*. Esses **traços distintivos do fonema**, porém, já não são segmentáveis, embora identificáveis e substituíveis. Em [d] reconhecem-se quatro traços distintivos: oclusão, dentalidade, sonoridade, aspiração. Nenhum deles pode realizar-se por si mesmo fora da **articulação fonética** em que se apresenta. (BENVENISTE, 2005, p. 128). [grifos nossos].

O fonema possui traços que o distingue de outros fonemas. Porém, o fonema não tem valor isolado. É na junção com outros fonemas que ganha sentido. “A análise pode, assim, reconhecer e distinguir um nível fonemático, em que se praticam as duas operações de segmentação e de substituição, e um nível hipofonemático, o dos traços distintivos, não segmentáveis, que dependem

apenas da substituição. Aí se detém a análise linguística”. (BENVENISTE, 2005, p. 129).

Nessa visão de análise, Benveniste propõe chamarmos de merismas, os dois níveis inferiores da análise, o das entidades segmentáveis mínimas, os fonemas, o nível fonemático e o dos traços distintivos. “Em Benveniste, o nível inferior de análise é o merisma e o superior é a frase”. (FLORES, 2013, p. 132).

Percebemos que o fonema é discutido tendo como base as concepções de Jakobson sobre os traços distintivos que compõem o som vocal da língua. Benveniste coloca o estudo sobre os traços distintivos distinguindo duas classes de elementos mínimos: de um lado os segmentáveis e substituíveis que são os fonemas e de outro, os que são apenas substituíveis que são os traços distintivos dos fonemas. Fonemas e traços distintivos são passíveis de análise linguística. (BENVENISTE, 2005).

Benveniste no texto *Estrutura em linguística*, de publicação no ano de 1962, no livro *Problemas de Linguística Geral*, volume I, define fonema na visão de Trubetzkoy, como análise do sistema fonológico em um artigo escrito em francês. Neste artigo, Trubetzkoy determina estrutura como “estrutura de um sistema” ao escrever sobre fonologia. A partir daí, Benveniste “define” fonologia como um sistema que não é uma soma mecânica de fonemas isolados, mas que o seu funcionamento como estrutura obedece a leis.

Segundo Benveniste (2005), a linguística toma nova forma, a noção positivista do *fato* linguístico é substituída pela de *relação*. A língua caracterizada como estrutura é possível distinguir em todos os níveis:

distinção dos lexemas permitindo levantar o inventário das noções designadas; distinção dos morfemas fornecendo o inventário das classes e subclasses formais; distinção dos **fonemas** dando o inventário das **distinções fonológicas não significantes**; distinção dos “merismas” ou traços que ordenam os **fonemas** em classes. (BENVENISTE, 1963, p.24). [Grifos nossos].

No capítulo *A classificação das línguas*, (1952-1953) a palavra *fonema* é citada como um dos aspectos a serem observados nos critérios de classificação

das línguas. Até mesmo de línguas extintas. “Não só o fonema, como também são avaliadas as correspondências entre formas completas e morfemas”. Esses são os critérios da classificação genética de natureza histórica. (BENVENISTE, 2005, p. 107).

Vemos, então, a importância de conhecermos os fonemas das línguas, podermos compará-los e identificarmos o parentesco entre as mesmas. Até mesmo as que já são extintas.

3.2 O fonema em Benveniste: Sentido

No capítulo II, *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, publicado em 1963, Benveniste (2005) define fonema sob a perspectiva de entidades linguísticas que não se determinam senão no interior do sistema que as organiza e as domina, e umas em razão das outras.

Foi possível demonstrar experimentalmente que os **fonemas**, quer dizer, os sons distintivos da língua, **são realidades psicológicas das quais, muito facilmente, se pode levar o locutor a tomar consciência, pois ao ouvir sons ele identifica na verdade fonemas**; reconhece como variantes do mesmo **fonema** sons às vezes bastante diferentes e também como pertencentes a **fonemas** diferentes, sons que pareceriam semelhantes. (BENVENISTE, 2005, p. 23). [Grifo nosso].

Ao relacionar o fonema com realidades psicológicas de um locutor, Benveniste permite considerações sobre o fonema ser produto de sensações acústicas, ou seja, o fonema adquire sentido quando o locutor o aceita e o reconhece como signo linguístico, deixando, assim, de ser apenas um som ou ruído.

Barros e Caiado (2016) esclarecem que, ao longo do tempo, o entendimento sobre o significado ganhou diferentes perspectivas, indo desde uma definição isolada, relacionada ao léxico, à compreensão do significado vinculada às circunstâncias de uso concreto da língua e que o sentido não pode ser compreendido sem que se inclua o sujeito e o contexto.

Na obra de Émile Benveniste, falar em sentido implica falar em forma.

Opor a forma ao sentido é uma convenção banal e os próprios termos parecem assim usados; mas se nós tentarmos reinterpretar esta oposição no funcionamento da língua integrando-a e esclarecendo-a, ela retoma toda sua força e sua necessidade. (BENVENISTE, 2006, p. 222).

No capítulo *Os níveis da análise linguística*, do livro *Problemas de Linguística Geral*, volume I, Benveniste define sentido: “é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico”. (BENVENISTE, 2005, p. 130). Desse modo, vemos no discurso de Benveniste o autor afirmar que o fonema tem um sentido quando em relação com elementos do mesmo nível, objetivando obter o *status* de nível linguístico. Porém, enxergamos nessa assertiva que pode, nas discussões de Benveniste, estar ocorrendo uma menção entre a ideia de sentido e do valor linguístico¹⁰, tratado por Saussure, o qual possui uma dimensão semântica. Afinal, no capítulo *Os níveis de análise linguística*, percebemos influência das considerações saussureanas sobre sistema. E não seria diferente nos escritos de Benveniste, que foi um estudioso das obras de Saussure.

Em outro texto, no livro *Problemas de Linguística Geral*, volume II, *A forma e o sentido na linguagem*, datado em 1966, Benveniste expõe aos filósofos da época, ideias relativas a problemas de linguagem. Relata que

o sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores; e a forma é, do ponto de vista linguístico (a bem dizer do ponto de vista dos lógicos), ou a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é exclusivo ou o arranjo formal destes elementos ao nível linguístico, relevante. (BENVENISTE, 2006, p.222).

¹⁰ Na teoria saussuriana, o valor linguístico representa um conceito que ocupa lugar central. Em diversas passagens das notas de aula e da obra *Escritos de Linguística Geral* (2004), o conceito de valor aparece relacionado tanto ao termo “significação” quanto ao termo “sentido”. Valor, sentido e significação se alternam ora enquanto distintos, ora enquanto sinônimos, consistindo em noções difíceis de definir em Saussure. (SILVA, BARROS, FERREIRA JÚNIOR e RÊGO BARROS, 2016, p.14-15). Para aprofundar as discussões sobre o valor linguístico, consultar Silva, Barros, Ferreira Júnior e Rêgo Barros (2016).

Flores (2013) ressalta que tratar de forma e sentido na obra de Émile Benveniste é uma tarefa difícil. Até mesmo para os mais conhecedores da obra. O próprio autor, afirma “parece convir mais a um filósofo do que a um linguista”. Disse isso em um congresso ocorrido em Genebra. Ele achava o tema mais propício às discussões filosóficas do que linguísticas. (BENVENISTE, 2006, p. 220).

Estudar forma e sentido em Benveniste, no texto *A forma e o sentido na linguagem*, datado de 1966, do livro *Problemas de Linguística Geral*, volume II, nos leva a reflexão sobre significado, significante e signo tratado em Saussure. A exemplo, trazemos a seguinte citação: “O significante não é apenas uma sequência dada de sons que a natureza falada, vocal, da língua exigiria; ele é a forma sonora que condiciona e determina o significado, o aspecto formal da entidade chamada signo.” (BENVENISTE, 2006, p. 225).

No capítulo *Saussure após meio século*, do PLG I, destaca-se que Saussure é conhecido pelo rigor em seus escritos que formalizou os estudos estruturalistas. Muitos de seus discípulos deram continuidade a sua linha de pensamento. Outros, seguiram independentes. Visto que havia convergências entre as ideias de Saussure e outros teóricos da época.

Na Rússia, Baudouin de Courtenay e seu discípulo Kruszewski propunham então, de maneira independente, uma nova concepção de fonema. Distinguiam a função linguística do fonema da sua realização articulatória. Esse ensinamento encontrava em suma, numa escala menor, a distinção saussuriana entre língua e fala, e atribuía ao fonema um valor diferencial. (BENVENISTE, 2005, p.45).

Encontramos também, no mesmo capítulo citado acima, que a nova disciplina criada por N. Trubetzkoy e R. Jakobson seguiu aos princípios de Saussure como de Baudouin de Courtenay. A fonologia desenvolveu a teoria das funções distintivas dos fonemas e a teoria das estruturas das suas relações.

No capítulo intitulado *Natureza do signo linguístico*, texto escrito em 1939, Benveniste cita Saussure para falar mais sobre linguagem e pensamento e explicar sobre os signos.

O próprio Saussure diz: “Psicologicamente, excetuando-se a sua expressão por meio das palavras, o nosso pensamento é apenas uma massa amorfa e indistinta. Filósofos e linguistas concordam sempre em reconhecer que, sem o concurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas ideias de maneira clara e constante. (BENVENISTE, 2005, p. 56).

Estudar o fonema em Benveniste é percorrer sua obra e conhecer aspectos importantes para compreensão do mesmo. Para entendermos que o fonema é dotado de valor linguístico, temos que estudar o signo linguístico. Ainda no capítulo *Natureza do signo linguístico*, Benveniste explica a diferença entre significado e significante. E em sua obra faz menção sempre aos escritos de Saussure sobre o estudo dos signos.

O significante e o significado, a representação mental e a imagem acústica são, pois, na realidade as duas faces de uma mesma noção e se compõem juntos como o incorporante e o incorporado. O significante é a tradução fônica de um conceito; o significado é a contrapartida mental do significante. (BENVENISTE, 2005 p. 56).

Pensar em fonema é refletir a amplitude desse tema. Não é simplesmente tentar associá-lo ao som que representa. Mas, saber que temos na cadeia da fala, a possibilidade de chegarmos ao nível do discurso, utilizando os fonemas. Reconhecendo-o como marca linguística dotado de sentido.

3.3 O fonema em Benveniste: instância de enunciação

No campo das pesquisas linguísticas na área fonológica, o fonema é um dos objetos de estudo mais visitado. Apesar de sofrer mudanças relacionadas a sua definição, o fonema reúne pontos que acompanham sua trajetória. Ele tem seu valor “em face de todos os valores do mundo dos signos, ocupa um lugar particular e distinto”. (JAKOBSON, 1967, p. 23).

O fonema destaca-se pela importância que se apresenta em uma dada língua. Com a classificação dos sons em unidade sonora vocálica ou consonantal,

podemos determinar os fonemas, distinguindo-os de outras unidades sonoras dentro de uma língua.

O fonema tratado isoladamente é destituído de sentido. É também definido como a menor unidade destituída de sentido em uma língua. O fonema é a menor unidade da língua, passível de análise linguística. Ao estudarmos a enunciação em Benveniste, entendemos que os sons emitidos e percebidos em uma língua, de um modo particular ou nas manifestações gerais, é o fenômeno da realização vocal da língua que se dá através da fala. Questão que não é muito discutida quando se observa apenas o ato enunciativo em si.

Eis um ponto a ser mais discutido na obra de Émile Benveniste. A enunciação pode ser estudada sob diversos aspectos, entre eles, o da enunciação vocal. Encontramos no texto *O aparelho formal da enunciação*, datado de 1970, no livro *Problemas de Linguística Geral II*, a possível definição para enunciação vocal. Essa está relacionada a terceira definição que encontramos ao fenômeno geral da enunciação: “É a realização vocal da língua.” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

Para Benveniste

os sons emitidos e percebidos, quer sejam **estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais**, como processo de aquisição, de difusão, de alteração – são outras tantas ramificações da fonética – **procedem sempre de atos individuais**, que o linguista surpreende sempre que possível em uma produção nativa, no interior da fala. (BENVENISTE, 2006, p.82) [Grifos nossos].

A citação anterior foi retirada do texto *O aparelho formal da enunciação*. Nela percebemos que Benveniste ao afirmar que “Os sons emitidos e percebidos, [...] estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais, [...] procedem sempre de atos individuais”, permite que atestemos a possibilidade enunciativa dos fonemas, tendo em vista que a clássica definição de enunciação benvenistiana trata-a como um ato individual de utilização da língua.

Quando mencionamos o fonema como instância de enunciação devemos lembrar que o termo instância da enunciação é o próprio discurso, é nele que o sujeito se enuncia. E aqui, tratando-se do fonema, é no uso do fonema como aspecto do discurso que o sujeito se enuncia.

Dos estudos do aparelho formal, aparece o aspecto da semantização. “A definição aparentemente é textual: *conversão da língua em discurso*. Para Benveniste “discurso é o resultado do ato de enunciar”. (FLORES, 2013, p. 165).

Visitando os artigos publicados no livro *Problemas de Linguística Geral*, volumes I e II, encontramos pistas que nos leva a fortalecer o pensamento das instâncias de enunciação. No capítulo *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da lingüística*, do livro *Problemas de Linguística Geral*, volume I, a necessidade do homem em se comunicar, de realizar essa ação através da língua, usando a linguagem falada, “De um lado é **um fato físico**: utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida”. (BENVENISTE, 2005, p. 30). [grifo nosso]. Destacamos a expressão *fato físico* da língua, pois ela implica a noção de fonética articulatória que compreende a produção da fala, respeitando os aspectos fisiológico e articulatório.

Nas pesquisas relacionadas ao som, sua percepção e produção, é relevante pensarmos na diferença da enunciação fônica, marcada por traços individuais que recorrem a sujeitos diferentes. Com isso, resultará uma imagem média de sons distintos ou ligados. Para Benveniste (2006)

cada um sabe que, o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção da identidade não é senão aproximativa, mesmo quando a experiência é repetida em detalhe. Essas diferenças dizem respeito à diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida. (BENVENISTE, 2006, p. 82).

No capítulo *Aparelho formal da enunciação*, Benveniste assume “muitos outros desdobramentos que deveriam ser estudados no contexto da enunciação, preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita”. (BENVENISTE, 2006, p.90).

Segundo Flores (2013), “é incontestável a conclusão de que a especificidade da fala em ‘O aparelho formal da enunciação’, em relação à escrita é um desdobramento a ser feito no contexto da enunciação” (FLORES, 2013, p. 165). Tomamos como uma das especificidades da fala tratada por Flores o próprio uso individual do fonema, enquanto aspecto de um nível de organização linguística, tornando único o ato enunciativo ao constituir-se como discurso, principalmente, em sujeitos com algum comprometimento de linguagem, a exemplo da afasia, em que, por resultado de uma lesão neurológica, o discurso se resume a emissão de um som vocal; discussões que trataremos a seguir nesta dissertação. Em se tratando de afasia, a medicina atesta que ela é signo de lesão-sintoma. De acordo com Vieira (2006) “Vale dizer que, na própria definição de afasia como ‘perda de linguagem *decorrente* de lesão cerebral’, o que faz presença é a relação biunívoca entre alterações de linguagem e lesão no cérebro.” (VIEIRA, 2006, p.235).

É muito importante ressaltarmos aqui os estudos na área de Aquisição da Linguagem, tratando de distúrbios, perdas, fragmentação e aquisição também. O trabalho em Aquisição da Linguagem está inserido na enunciação vocal, que faz uso dos fonemas na utilização da língua.

Para entendimento dos achados sobre o fonema que tratamos até o momento, apresentamos, um quadro sobre as ideias em relação ao fonema, percebidas nos textos que compõem a obra *Problemas de Linguística Geral*, volumes I e II, de Benveniste.

O ato de fala é individual dentro de uma língua que é coletiva. E essa produção fônica individualizada, permite-nos explorar diversos aspectos linguísticos. Permite-nos concordar que a citação a seguir é mais um ato de apropriação da língua.

Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim, a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 2005, p. 26).

Quando fala de realidade e linguagem, Benveniste reconhece que esse tema está ligado diretamente aos filósofos. Mas que os linguistas entendem que não poderia existir pensamento sem linguagem.

No capítulo 7, *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*, com data de publicação de 1956, encontramos outras definições acerca de língua, linguagem e apropriação do discurso. Benveniste (2005), recorre a uma tese de Lacan que fala sobre a função e o campo da palavra e da linguagem na psicanálise. Em suma, a tese de Lacan fala que os meios são o da palavra, quando confere funções no indivíduo com sentido; o seu domínio é o do discurso concreto enquanto realidade transindividual do sujeito. (BENVENISTE, 2005, p. 83).

Após análises freudianas, Benveniste percebe que “o sujeito se serve da palavra e do discurso para ‘representar-se’ a si mesmo, tal como quer ver-se, tal como chama o ‘outro’ a comprovar”.

A língua é um sistema comum a todos; o discurso é ao mesmo tempo portador de uma mensagem e instrumento de ação. Nesse sentido, as configurações da palavra são cada vez únicas, embora se realizem no interior – e por intermédio – da linguagem. Há, pois, antinomia no sujeito entre o discurso e a língua. (BENVENISTE, 2005, p. 84).

Ao estudarmos que o sujeito faz uso da língua para enunciar-se. É importante ressaltarmos os estudos de Benveniste sobre as pessoas do discurso: o texto de 1946, com o título *Estrutura das relações de pessoa no verbo*.

Nas duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa. *Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de “tu”. Da terceira pessoa, porém, um predicado é bem enunciado somente fora do “eu-tu”; essa forma é assim exceptuada da relação pela

qual “eu” e “tu” se especificam. Daí, ser questionável a legitimidade dessa forma como “pessoa”. (BENVENISTE, 2005, p. 250)

O indivíduo se marca no discurso que é o resultado da enunciação, com o par eu/tu. Essas são as pessoas por Benveniste. Com a tendência nos estudos de instância do discurso, percebemos a importância em algumas áreas do saber. Principalmente na educação, na aquisição de linguagem e Clínica de fonoaudiologia. Este último com tratamento direcionado aos indivíduos com desvios fonológicos, outros com autismo, gagueira. Mas que se utilizam da língua vocal para construir seu discurso, inserido numa comunidade linguística.

Partindo dessa afirmação, Benveniste assume “Muitos outros desdobramentos que deveriam ser estudados no contexto da enunciação, preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita”. (BENVENISTE, 2006, p.90).

Faz-se necessário a atenção para a enunciação escrita, visto que é o discurso escrito, conjunto de frases que forma o nível mais alto da análise lingüística, que nos remete aos fonemas.

Segundo Flores (2013), “É incontestável a conclusão de que a especificidade da fala em ‘O aparelho formal da enunciação’, em relação à escrita é um desdobramento a ser feito no contexto da enunciação” (FLORES, 2013, p. 165).

Dos estudos do aparelho formal, aparece o aspecto da semantização. “A definição aparentemente é textual: *conversão da língua em discurso*. Para Benveniste “discurso é o resultado do ato de enunciar” (FLORES, 2013, p. 165).

Os quadros a seguir trazem citações das obras analisadas: PLG I e II de Benveniste, em que foram destacadas três tendências sobre o fonema que entendemos como aspectos importantes na teoria da enunciação em Benveniste.

Quadro 1: Tendências sobre o fonema em Benveniste

	Definição	Explicação	Fonte
Nível de análise Linguística	É um dos níveis de análise do sistema da língua que obedece às condições formais de distribuição, segmentação, substituição e correlação.	Os fonemas são percebidos como diferentes e solidários entre si, ou seja, Benveniste aponta a distinção e relação entre os fonemas dentro da estrutura linguística. Se o fonema, se constitui pela sua unidade mais alta que é o morfema, não estará desvinculado da unidade particular do nível maior a que o fonema pertença. Como nível de análise linguística, o fonema é pensado por Benveniste dentro das considerações saussureanas de estrutura: passa a configurar nível de signo linguístico. Benveniste faz a trajetória dos estudos de Saussure, de quem traz as bases que fundamentam sua teoria enunciativa. A língua caracterizada como estrutura é possível distinguir em todos os níveis.	<p>PLG I:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>A classificação das línguas</i> (1952-1953); - <i>Tendências recentes em linguística geral</i> (1954); - <i>Estrutura em linguística</i> (1962); - <i>Os níveis de Análise linguística</i> (1964). <p>PLG I:</p> <ul style="list-style-type: none"> Saussure após meio século. (1963) PLG I: - <i>Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística</i> (1963).

	Definição	Explicação	Fonte
Sentido e forma (doutrina saussuriana do signo)	É uma entidade linguística carregada de sentido.	Ao relacionar o fonema ao sentido, acreditamos que Benveniste traz considerações sobre o signo, o sistema linguístico e o locutor implicados em uma rede de relações em que o sentido é posto pelo lugar ocupado pelo fonema quando colocado em uma sentença. Sentido: “é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter <i>status</i> linguístico”. Saussure é conhecido pelo rigor em seus escritos que formalizou os estudos estruturalistas.	PLG I: - <i>Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística</i> (1963). PLG I: <i>Os níveis da análise lingüística</i> (1964) PLG I: <i>Saussure após meio século</i>

	Definição	Explicação	Fonte
Instância de enunciação	É o uso do fonema de maneira particular como marca do sujeito na linguagem.	No fonema o sujeito se enuncia, por ser constituinte do próprio discurso. E aqui, tratando-se do fonema, é no uso do fonema como aspecto do discurso que o sujeito se enuncia.	PLG I: - <i>Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística</i> (1963). PLG II: - <i>O aparelho formal da enunciação</i> (1970);

Fonte: A autora.

As tendências encontradas sobre o fonema em Benveniste e resumidas no quadro anterior, de um modo ou de outro, podem trazer implicações para os campos da aquisição da linguagem, da educação e da clínica de Fonoaudiologia.

A aquisição da linguagem concebida a partir da teoria enunciativa de Émile Benveniste não pode ser entendida fora da relação sujeito e linguagem (SILVA, 2009). Volta-se para a singularidade do dizer da criança e não para as regularidades no sistema linguístico.

A criança, ao começar a constituir seu quadro linguístico, já se encontra imersa num mundo de linguagem e precisa, durante a aquisição, recriá-lo “para instituir-se como sujeito, mostrando no seu dizer a sua posição de sujeito num dado espaço e num dado tempo. Essa atividade de reconstrução é realizada a cada ato enunciativo.” (LORANDI, 2008, p.136)

Isso demonstra que, ao fazer uso do fonema, enquanto constituinte da língua, esse ganha instância de enunciação quando reconhecido como signo linguístico pelo outro *tu*, par do *eu* da criança, no processo de aquisição da linguagem.

Ao estudarmos que o sujeito faz uso da língua para enunciar-se, é importante ressaltarmos os estudos de Benveniste sobre as pessoas do discurso. Texto de 1946, com o título *Estrutura das relações de pessoa no verbo*.

Nas duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa. *Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de “tu”. (BENVENISTE, 2005, p. 250).

O indivíduo se marca no discurso que é o resultado da enunciação, com o par eu/tu. Essas são as pessoas por Benveniste. Com a tendência nos estudos de instância do discurso, percebemos a importância em algumas áreas do saber, principalmente na Educação, na Aquisição de Linguagem e Clínica de

Fonoaudiologia. Este último, com tratamentos direcionados aos indivíduos com desvios fonológicos, autismo, gagueira, afasia, dislexia, só para citar alguns, mas, que se utilizam da língua para construir seu discurso, inserido numa comunidade linguística.

Na Educação, as reflexões sobre a relação fonema e grafema estão diretamente relacionadas ao processo de alfabetização e letramento, e suas implicações nos chamados erros de transcrição de fala. Porém, pensar nesta relação sob o viés enunciativo vai além do conhecimento sobre a estrutura fonológica da língua.

Quando relacionamos em Benveniste o fonema ao nível de análise linguística, sentido e instância de enunciação, no âmbito da Educação, pensamos tratar de uma rede de relações entre o sujeito que escreve e a língua, a partir das reflexões tratadas no nível da consciência fonológica, reconhecida como a capacidade de segmentar de modo consciente as palavras em suas menores unidades: sílabas e fonemas.

A enunciação pensada em uma relação com o campo da clínica de Fonoaudiologia, a qual trata das alterações de linguagem, considera que “os estudos do sintoma na linguagem devem necessariamente advir de uma reconfiguração epistemológica da linguística” (FLORES, 2013, p.92). Diante disso, acreditamos que as discussões tratadas na Linguística da Enunciação de base benvenistiana possibilitam novas perspectivas para o tratamento dos sintomas correspondentes aos desvios fonológicos ou fonéticos.

Com esse estudo pautado no campo da enunciação, destacamos as contribuições na área de Aquisição da Linguagem. O campo de pesquisa em Aquisição da Linguagem é bem amplo, envolve muitos aspectos a serem observados e analisados. Podemos desenvolver trabalhos envolvendo a área em questão com a fonética e fonologia, o léxico e o semântico. Mas entendemos que a enunciação se relaciona com muitas outras áreas que também merecem desenvolvimento científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curioso nos textos de Benveniste, publicados no livro *Problemas de Linguística Geral*, volume I e II, é como o autor é preciso ao escrever sobre o fonema, em datas um tanto distantes, e trazer à tona pontos de vista que podemos discutir paralelamente. Estamos mencionando os textos: *Estrutura em linguística*, de 1962, do *Problemas de Linguística Geral*, volume I, em que Benveniste define fonologia com a visão das ciências da natureza e o texto *O aparelho formal da enunciação*, de 1970, do livro *Problemas de Linguística Geral*, volume II, que trata da emissão dos sons estudados, no particular de um idioma. Quando ele fala em aquisição, difusão ou alteração, nos remete a fonética.

Nessa pesquisa, traçamos o caminho percorrido pelos estudos sobre o fonema, desde os povos hindus até os achados de Émile Benveniste na obra *Problemas de Linguística Geral*, volumes I e II.

Procuramos exemplificar as reflexões dos momentos históricos para o entendimento do fonema e os estudos fonológicos, tendo como referencial teórico a Teoria Enunciativa de Émile Benveniste, que partiu do estruturalismo lingüístico, iniciado por Saussure, responsável pela expansão de outros trabalhos na área da linguística moderna e nos estudos sobre o fonema. Trubetzkoy, estudioso apaixonado pela fonologia, também teve, em sua base, o estruturalismo. Jakobson conhece a escola estruturalista, mas, foi no funcionalismo que seus trabalhos ganharam destaque.

Tratamos da teoria da enunciação de Émile Benveniste que aborda temas como diálogo e discurso, para destacar sua visão sobre as unidades mínimas dos fonemas. Nas obras investigadas nesta pesquisa, percebemos que o autor trata o fonema sob a perspectiva da análise linguística, do sentido e do espaço enunciativo. Sendo a perspectiva da análise linguística mais clara e que tem mais força nos trabalhos de Benveniste. Entendemos que essas perspectivas não são excludentes, elas se complementam.

Sob a perspectiva da análise lingüística, incluímos os trabalhos que trazem o tema fonema, fonologia e fonética a partir de um resgate histórico até as

considerações distribucionais e de segmentação dos níveis de análise linguística tratadas por Benveniste.

O fonema como aspecto constitutivo de sentido surge em meio as discussões de Benveniste sobre a possibilidade de o fonema assumir um sentido quando envolto na realidade de uso da língua por um locutor. Diz Benveniste: "toda unidade de todos os níveis deve preencher o nível de sentido para obter *status* lingüístico." Essa consideração não pode ser confundida com as atribuições do fonema como espaço enunciativo, outra categoria encontrada nesta pesquisa.

Para Benveniste, a enunciação se define pelo uso que o locutor faz da língua ao colocá-la em funcionamento por uma ação e de modo individual. (BENVENISTE, 2006). Porém, inferimos que é possível atestar o fonema como espaço enunciativo, uma vez que ele faz parte da língua, sendo um dos níveis de análise linguística. Para o autor, a língua é "sistema que inter-relaciona valor distintivo das formas e valor referencial relativo à situação enunciativa. [...] ela consiste formalmente de unidades distintas, e cada uma é um signo." (FLORES, 2017, p.150).

Logo, entendemos, sobretudo, a partir da perspectiva de uma enunciação vocal, que os fonemas constituem uma unidade, um signo vocal, que ao ser posto em uso, como o todo da língua (morfemas, merismas), a enunciação faz-se presente.

Assim sendo, é possível perceber a anunciação do sujeito também pelo emprego que faz do fonema. Afinal, "é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade que é a do ser, conceito de 'ego' (BENVENISTE, 2005, p.286).

Espera-se contribuir com os avanços nas pesquisas no terreno da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, a partir da expansão dos temas presentes nas obras do autor. Vale ressaltar que esperamos contribuir para os estudos na área da Aquisição da Linguagem, (afasia, gagueira, retardo na fala, distúrbio na fala e desvio fonológico).

REFERÊNCIAS

ARNOUX, E. N. de. **Apresentação**. In AUGUSTINI, C.; RODRIGUES, E. (orgs.) Uma vida pela linguagem. Homenagem a Émile Benveniste. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

BARROS, I.B.R. ; CAIADO, R. **Semântica**:em torno do sentido na linguagem. In: MONTENEGRO, A.C.A.; BARROS, I.B.R; AZEVEDO, N.P.S.G. (org.) Fonoaudiologia e Linguística: teoria e prática. Curitiba: Appris, 2016.

BATTISTI, E. **Fonologia**. In SCHWINDT, L.C., Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p.27-108.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

_____. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães (et al). 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5ª ed. revisada. Porto Alegre: Edipurs, 2014.

CAGLIARI, L.C. **Prosódia**: algumas funções dos supra-segmentos. Cadernos de Estudos Linguísticos, n. 23, Campinas, jul-dez, 1992, p.137-151.

_____. **Análise Fonológica**: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

CARDOSO.J. H. da C. **Breve Histórico dos Estudos Fonológicos**. Revista Científica do IFAL, v. 3, n. 2- jul/dez. 2012. p. 258-264

CAVALIERE, R.S. **Pontos Essenciais em Fonética e Fonologia**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs ; YEHA, HaniCamille . **Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2009. Disponível em <<http://fonologia.org>>. Acesso em: 06 de março de 2019.

DIEDRICH, M. S. RIBEIRO, E. **O aspecto vocal da enunciação**: mobilização de sentidos no ato de leitura. Revista Virtual de Letras, v. 8, n. 2, ago/dez, 2016,

DOSSE, F. **História do Estruturalismo**. Volume I, O campo do signo, 1945-1966, Tradução Álvaro Cabral. Campinas-São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

_____. **História do Estruturalismo**. Volume II, O canto do cisne, de 1967 a nossos dias. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica de Marcia Mansor D'Alessio. Bauru- São Paulo: Edusc, 2007.

FERREIRA, N. P. **Jacques Lacan**: apropriação e subversão da linguística. *Ágora*, v.V, n.1, jan/jun. 2002, p. 113-132.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da Enunciação**. 2ª edição, 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste**. 1ª edição, São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. Organizadores Valdir do Nascimento Flores [et al.]. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Saussure e Benveniste no Brasil**. Quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FONTAINE, J. **O Círculo Linguístico de Praga**. Trad. De João Pedro Mendes. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

GARAY, R. G. **O Fonema – Linguística e História**. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa**: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29 Mai./Jun. 1995.

GUIMARÃES, E. **O interesse de Benveniste**. In AUGUSTINI, C.; RODRIGUES, E. (orgs.) *Uma vida pela linguagem. Homenagem a Émile Benveniste*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

JAKOBSON, R. **Fonema e Fonologia**: ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

_____; POMORSKA, K. **Diálogos**. Trad. Elisa AngottiKossovitch. São Paulo: Editora Cultrix, 1985.

LAMPRECHT, R. R. **Aquisição fonológica do português**. Porto Alegre, Artmed, 2014.

LYONS, J. **Lingua(gem)e linguística**: uma introdução. Trad. Marilda WinklerAverburg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

MASSINI-CAGLIARI, G. e CAGLIARI, L. C. **Fonética**. In: Introdução à Linguística domínios e fronteiras. Volume I, MUSSALIM, F. e BENTES, A. C.(orgs.), 9ª edição revisada, São Paulo: Editora Cortez, 2012.

MALMBERG, B. **As novas tendências da linguística**. Uma orientação à linguística moderna. Tradução de Francisco da Silva Borba, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1971, p. 106-133.

MILANO, L. **Fonético e fonológico em Saussure**: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. Revista de Literatura e Linguística Eutomia. Recife: nº 16, dez., 2015, p.245-258,

_____; **Jakobson,A fonologia e a herança saussureana**. Caminhos das letras: uma experiência de integração. p.101-110, 2013.

MORI, A. C. **Fonologia**. In: Introdução à Linguística domínios e fronteiras. Volume I, MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (orgs),9ª edição revisada, São Paulo: Editora Cortez, 2012.

PIRES, V.L.; WERNER, K.C.G. **A dêixis na teoria da enunciação de Benveniste**. Letras, n. 33, 2007, p.145-160.

_____; BARBOZA, G. **A enunciação da subjetividade**: dêixis e interação. Anais do CELSUL 2008.

ROBERTO, T.M.G. **Fonologia, fonética e ensino**: Guia introdutório. 1ª edição, São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SAUSSURE, F.**Curso de Linguística Geral**. 20ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

SCHARDOSIM, C. R. TROMBETA, N. **Fonologia**: breve histórico dos estudos no estruturalismo e gerativismo. E-scrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU. Nilópolis- Rio de Janeiro, V. 3, n. 2,mai/ago., p. 17-31, 2012.

SEARA, I. C. ; NUNES, V. G.;LAZZAROTO-VOLCÃO. C. **Para conhecer Fonéticae Fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

SILVA, C. L. C.; MILANO, L. **O lugar da voz na aquisição de linguagem**.Nonada: letras em revista, v.2, p. 111-121, 2013.

_____. **A criança na linguagem**: enunciação e aquisição. Editora Pontes. Campinas, São Paulo, 2009.

SILVA, D. L. G. ; BARROS, I. B. R.; FERREIRA JÚNIOR, J. T.; RÊGO BARROS, F. R. A. **Valor linguístico e desvio de linguagem**: um estudo acerca do autism. Revista ProLíngua. V. 11, n. 2 out/dez, p. 13-23, 2016.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**- roteiro de estudos e guia de exercícios, 10ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

_____. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. 1ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

SIMÕES, D. **Consideraçõessobre a fala e a escrita**: fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola, 2006.

SOUSA, R. G. **“Índia Antiga”**; Brasil escola. Disponível em<<https://brasilescola.uol.com.br/história/Índiaantiga.Htm>>. Acesso em 08 de abril de 2018.

SOUZA, P. **Sobre o discurso e o sujeito na voz**. Línguas e Instrumentos Linguísticos, nº 34, jul/dez., p. 199-211, 2014.

TEIXEIRA, M.; FLORES, V. **Linguística da Enunciação**: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. ReVEL, v. 9, n. 16, 2011. p. 406-425

TRUBETZKOY, N. **A fonologia atual**. Trad. R. A. FIGUEIRA. In: DASCAL, M. (org). Fundamentos Metodológicos da Linguística- Fonologia e Sintaxe. V. 2. Campinas: IEL- Unicamp, p. 15-35, 1981. Originalmente publicado em 1933.

VAGONES, E. W. **A fonética e seus precursores**. Alfa. São Paulo, n. 24, p.179-185, 1980.

VERNANT, J. P. **As origens do pensamento Grego**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca, 11ª edição, Editora Bertrand Brasil,2002.

VIEIRA, C. H. **Sobre as afasias**: o doente e a doença. In: Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem, LIER-DEVITTO, M. F. ARANTES, L. Editora: EDUC, FAPESP, São Paulo, 2006.

WEEDWOOD, B. **História Concisa da Linguística**. Tradução Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2002.